

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS PELO

Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Theatro

BEATRIZ CENCI
LEONOR DE MENDONÇA
PATKULL — BOABDIL

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

Sendo os dramas — *Patkull e Beatriz Cenci* — que constituem este volume, ensaios da mocidade do poeta, escriptos aos 20 annos, sob o enthusiasmo da escola romantica, quando imperavam a *Torre de Nesle*, a *Lucrecia Borgia*, e outras composições deste genero, não podia o autor, apezar de seu talento e genio inspirado, eximir-se de pagar tributo ao gosto e ás tendencias da sua época. Deve-se, pois, tomal-os como tentativas, e aprecial-os mais pelo estylo e lances poeticos que os embellesam, do que como obras que immortalisem o poeta.

A.H.L.

S. Luiz — 12 de Julho — 1868.

LEONOR DE MENDONÇA

DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS E CINCO QUADROS

1846

AO SEU BOM AMIGO

O DR. JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAES

OFFERECE ESTE SEU TRABALHO

O AUTOR

PROLOGO

Contentar a todos ninguem o alcançou, muitos se contentaram com aprazer a muitos. O autor tomará por grande honra satisfazer a poucos.

ProL. da Com. de Bristo.

Idéas e factos ha que diariamente nos passam por diante dos olhos sem que nunca attentemos nelles; nós os reputamos cousa corrente e sabida por todos, que por vulgar nos não pôde parecer sublime. Mas sobre essa idéa ou facto, que em a nossa memoria enthesouramos como substancia de flôres em favo de abelhas, a reflexão trabalha sem descanso, desbasta-o, e tanto se exercita sobre elle, que depois estranhamos de o ver brilhante, bello e muito outro do que a principio se nos antolhára.

Parece-nos de então que o devemos pesar e meditar com a nossa intelligencia, e ver depois as côres que nelle mais sobresaem, e as roupagens que melhor se ageitam ás suas fórmas. A imaginação se incumbem deste trabalho, e desde esse instante está creada a obra artistica ou litteraria: — edificio ou symphonia; estatua ou pintura; romance, ode, drama ou poema;

boa ou má; perfeita ou imperfeita —, o facto é que ella existe. Seja embora feia e falta de proporções, será como uma creatura imperfeita, como um aborto monstruoso, como uma anomalia; mas existirá sempre.

Ha, porém, entre a obra delineada e a obra já feita, um vasto abysmo que os criticos não podem ver, e que os mesmos autores difficilmente podem sondar: ha entre ellas a distancia que vai do ar a um solido, do espirito á materia. A imaginação tem côres que se não desenham; a alma tem sentimentos que se não exprimem; o coração tem dôres superiores a toda a expressão. É por isto que aos homens de imaginação, que não são autores, pôde facilmente parecer que elles comporiam melhor tal obra do que tal mestre, que desenvolveriam tal assumpto ou que pintariam tal paixão melhor do que outros, aliás grandes, o tem feito. E é a razão porque elles comparam o fogo do seu coração, a viveza da sua imaginação, a profundeza do seu sentimento (essencias d'alma) com as expressões de um autor, com palavras que, por escolhidas e delicadas que sejam, tem sempre um — que — de material.

É ainda por isto que eu, inimigo de quanto é ou me parece prologo, nem só os escrevo, como tambem os leio com prazer, quando elles são feitos, não com o fim inutil de encarecer o merecimento de uma obra que já pertence á critica e ao publico, mas para que o autor nos revele qual foi o seu pensamento, qual a sua intenção, o que pertence exclusivamente ao autor e a arte: ao autor, para que o publico se não deixe dominar por juizes ou mal entendidos ou mal intencionados; á arte, para que os principiantes em tal carreira não desazonoçõem com os seus ensaios, sem duvida imperfeitos, e não dêem de mão ás bellas-lettras pela

desproporção que de necessidade acharão entre o seu pensamento e a sua expressão.

Direi pois, não o que fiz, mas o que prometti fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escriptores do tempo que D. Jayme, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher; dizem-no, porém, de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram tão falsas as apparencias como elles nol-as indicam. O autor podia então escolher a verdade moral ou a verdade historica —, Leonor de Mendonça culpada e condemnada, ou Leonor de Mendonça innocente e assassinada —. Certo que a primeira offerecia mais interesse para a scena e mais moral para o drama; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenetica, porque fóra do dever não ha limite nas acções dos homens: haveria cansaço e abatimento no amor e reacções violentas para o crime, haveria uma luta tenaz e continua entre os sentimentos da mulher e os da esposa, entre a mãe e a amante, entre o dever e a paixão: no fim estaria o remorso e o castigo, e nelles a moral. H nisto materia para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, innocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o remorso é mais instructivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramatico do que a virtude: pena é que assim seja, mas assim é. Se em prova disto me fosse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o Faliero de Byron e o Faliero de Delavigne.

Porque então segui o peor? É porque ten hopara mim que toda a obra artistica ou litteraria deve conter um pensamento severo: debaixo das flôres da poesia deve esconder-se uma verdade *incisiva* e aspera, como

diz Victor Hugo, — em cada mulher formosa ha sempre um esqueleto.

Foi este o pensamento — a fatalidade. — Não aquella fatalidade implacavel que perseguiu a familia dos Atridas, nem aquella outra cega e terrivel que Werner descreve no seu drama — Vinte e quatro de Fevereiro. — É a fatalidade cá da terra a que eu quiz descrever, aquella fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circumstancias e que dimana toda dos nossos habitos e da nossa civilisação; aquella fatalidade, emfim, que faz com que um homem pratique tal crime porque vive em tal tempo, nestas ou n'aquellas circumstancias.

Repito : não analyso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vicio; tem só defeitos. D. Jayme não tem nem crimes nem vicios; tem tambem e sómente defeitos. Os defeitos da duqueza são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça : a virtude que é santa, a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga os homens entre si não é, em geral, nem o exercicio nem o sentimento da virtude, mas sim a correlação dos defeitos, a duqueza e o duque não se poderiam amar porque eram os seus defeitos de diferente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte espedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Ha ali tambem outro pensamento sobre que tanto se tem fallado e nada feito, e vem a ser a eterna sujeição das mulheres, o eterno dominio dos homens. Se não obrigassem D. Jayme a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos

habitos. Se a mulher não fosse escrava, como é de facto, D. Jayme não mataria sua mulher. Houve nessa morte a fatalidade, filha da civilisação que foi e que ainda é hoje.

Isto quanto ao principal da acção. Desenhei como pude uns caracteres, outros deixei quasi acabados, outros apenas esboçados.

Ha tres velhos, ou que pensam como taes : é o duque, o velho Alcorado e Fernão Velho.

O duque é nobre e desgraçado; da nobreza tem o orgulho, da desgraça a desconfiança, e do tempo a vida e a superstição. O duque é cioso, e, notavel cousa! é cioso não porque ama, mas porque é nobre. É esta a differença que ha entre Othello (1) e D. Jayme. Othello é cioso porque ama, D. Jayme porque tem orgulho. Ambos são credulos e violentos; mas a credulidade de Othello forma-se e caminha a passos lentos, porque o seu amor duvida; a sua violencia, relevem-me a expressão, é vagarosa e caminha com a terrivel magestade das lavas do um vulcão. O duque creê quanto basta ao bom senso de qualquer homem, e a sua violencia é precipitada, porque elle não interessa com a innocencia de sua esposa. Othello mata a Desdemona, mas chora antes de a matar e depois de a ter morto; o duque mata a Leonor de Mendonça, mas sem lagrimas, porque o orgulho não as tem.

Se me é permittido continuar com o drama além dos seus termos naturaes, vejamos o que fazem estes dois homens depois de assassinadas suas mulheres. Othello mata-se; e D. Jayme, convencido da innocencia da sua por tantos e tão grandes milagres que testemnháram o seu martyrio, irá batalhar contra

(1) Fallo do Othello de Shakespeare.

infieis em expiação do seu crime, e voltará purificado para de novo casar-se. Assim, pois, quando o primeiro acaba a vida, é que o segundo principia a viver.

O duque é severo porque é insensível; o velho Alcoforado é também severo, mas ama. O primeiro é severo como nobre e como senhor; quando elle falla, manda, quando elle pede, manda ainda: é-lhe precisa a obediencia, porque não sabe pedir; elle a exige, porque não sabe mandar. Como, porém, é ao mesmo tempo urbano e cortezão, a duqueza tem de se mostrar livre e senhora da sua vontade, o que torna incomportavel a escravidão. O velho Alcoforado é severo como pai e como homem; é condescendente, porque ama; é feliz, porque é condescendente. Embalado pela voz de seus filhos, elle caminha lentamente para o sepulchro, e a sua modesta habitação respira amor e suavidade. Ha realmente contraste entre o duque poderoso e o modesto pai de familia, entre o palacio sumptuoso e a habitação singela: o que ha de mais n'aquelle falta nesta, o que nesta é necessario falta n'aquelle. O velho não quer senão viver e morrer entre os seus filhos, e o duque foge com prazer do seu palacio para viver uma semana na sua ermida do convento do Bosque, ou com os seus capellães da serra de Ossa. Assim é com razão, porque o velho tem para si que melhor que a sua vida só a bemaventurança, em quanto que para o duque fôra verdadeira bemaventurança viver a vida tranquilla do velho.

Fernão Velho é também severo e também insensível, porém não é como o duque nem como o velho Alcoforado. É um domestico que não sente nem vive senão por outro e para outro. Elle ama sobretudo a seuamo, desvela-se no seu serviço, compraz-se com

tudo que lhe diz respeito, alegra-se quando o vê alegre, e sofre quando elle sofre.

Antonio Alcoforado é o que elle devia ser na sua idade, corajoso e dedicado; dedicado, porque a benevolencia da duqueza em favor d'elle se convertesse em gratidão; corajoso, para ter o direito de morrer sem defender-se, para que podesse supplicar sem baixeza, mas antes nunca maior nem mais nobre do que quando curvado pedisse justiça para a mulher que não podesse defender, e piedade para a que não podesse salvar. Com aquella idéa, com aquella acção, com estes e outros caracteres quiz eu construir assim o drama.

No primeiro plano, o duque, a duqueza e Alcoforado. Alcoforado dedicado e estremo, a duqueza agradecida e imprudente, e entre ambos o duque sombrio e desconfiado. Entre a duqueza e Alcoforado correr uma cadeia de benevolencia e de serviços, de extremos e de gratidão, fazer cahir o duque sobre ambos espedaçando a cadeia com a sua força, arrojando a cabeça do homem aos pés dos seus lacaios, e empolgando a mulher como uma preza para nella cevar a sua vingança.

No segundo plano, Paula e Fernão Velho, ambos domesticos, e como taes revelando cada um a indole do seu amo. Paula boa e docil, porque a duqueza é affavel e benevola; Fernão aspero e rude, porque o duque é orgulhoso e inflexivel.

Ao longe, aquella boa familia dos Alcoforados. O velho robusto e valido, a filha amorosa e candida, e o filho dotado de boa indole, mas ainda sem caracter, porque o tempo e as circumstancias é que o hão de formar.

Prender a todos uns aos outros com o amor ou com a obediencia, ligal-os estreitamente entre si, juntal-os,

conglobal-os, impellir uns sobre outros, e fazer brotar a dôr e a poesia do choque de todas essas almas, e do choque das paixões o drama.

Cabe á critica avaliar até que ponto realizei a minha idéa.

Por ultimo, direi algumas palavras sobre a arte. No começo do theatro moderno havia apenas duas obras possiveis : a tragedia, que cobria as suas espadoas com manto de purpura, e a comedia, que pisava o palco scenico com os seus sapatos burguezes; era assim, porque a tragedia andava pelos grandes, em quanto que a comedia se entretinha com os pequenos, e ainda assim com o que nestes havia de mais comico e risivel. Hoje, porém, a comedia e a tragedia fundiram-se n'uma só creação. E de feito, se attentamente examinarmos as producções de hoje, que chamamos dramas, notaremos que ainda nas mais lyricas e magestosas ha de vez em quando certa quebra de gravidade, sem a qual não ha tragedia. Notaremos tambem que essa quebra provém de ordinario de uma scena da vida domestica, o que verdadeiramente pertence á comedia. Aquella scena, por exemplo, do segundo acto de Lucrecia Borgia entre Lucrecia e o duque de Ferrara, é um bosquejo da vida intima, é um facto que, mais ou menos modificado, tem lugar em toda a parte no concheço familiar; é uma scena que pertence á comedia, porque não é da sua essencia fazer rir. Descreva ella fielmente os costumes, e a arte ficará satisfeita.

Assim, pois, o drama resume a comedia e a tragedia. Ora, se a tragedia se não pôde conceber sem verso, assim tambem a comedia sem prosa não pôde existir perfeita. Para prova disto basta que reflectamos que o melhor autor comico do mundo, o celebre Molière, foi o primeiro que, não sem difficuldade, in-

roduziu a prosa no theatro francez. Antes d'elle, até os bons burguezes se envergonhavam de fallar a linguagem do povo e a dos sabios. Patearam-no, creio eu, bem que Racine seguiu o seu exemplo (1). Porém, primeiro que estes excellentes dramaturgos, outro que ainda não foi excedido em arrojo e sublimidade, o afamado Shakspeare que inventou o drama descrevendo fielmente a vida, já havia achado a verdadeira linguagem da comedia usando nella da prosa. Nos seus dramas ou chronicas foi Shakspeare consequente comsigo, usou simultaneamente da prosa e do verso, porque simultaneamente creava em ambos os generos. Nós porque o não havemos de imitar? Quando elle quer exprimir uma cousa vulgar ou uma chocarrice, usa da prosa; quando quer exprimir um sentimento nobre ou uma exaltação do espirito, usa do verso, e não só do verso heroico como de todos os mais da lingua ingleza : foi o estylo hespanhol, como tambem o que praticou Metastasio na Italia, e Gil Vicente em Portugal. Porque não faremos nós assim? Porque havemos de dizer em verso cousas vulgares, e em prosa cousas que só em verso podem ser bem ditas? Bem é que haja harmonia entre a expressão e o pensamento, que a poesia do espirito seja interpretada pela poesia das palavras, e que o prosaico da vida seja dito em linguagem prosaica.

Supponhamos que Shakspeare apresentava em scena uma d'aquellas personagens que elle se com-

(1) Esqueceu-me tratar de Antonio Ferreira. É digno de reparo que o classico portuguez não nos deixasse em prosa senão as suas duas comedias — O Cioso e Bristo —; é digno de reparo, digo, porque Antonio Ferreira, tão primoroso imitador dos antigos, não deixaria os seus modelos sem alguma razão que o persuadissem a innovar. Essa razão qual foi?...

prazia em enfeitar com todas as flôres do seu genio, Hamlet, Lear, Othello ou Macbeth. Se no meio de um d'aquelles seus monologos, em que a belleza do verso rivaliza com a sublimidade do pensamento, lhe fosse preciso apresentar tambem um importuno, um servo, por exemplo, que viesse chamar seu senhor a mesa, com certeza que elle não pôria versos na bôca do villão, nem se cançaria em imaginar uma periphrasis para dizer em verso : « O jantar está posto ». Elle diria isto como vulgarmente se diz, como todos os dias o ouvimos, sem adorno mal cabido e sem magestade forçada. O prosaico da vida afugentaria a poesia do pensamento, e por consequencia o verso. O seu protagonista responderia com despeito, mas em prosa corrente e chã « não quero » ou cousa semelhante; e em taes circumstancias, e depois de um trecho de poesia sublime, um *vai-te secco* e simples é mais natural e me parece melhor e mais bello do que o mais estudado endecasyllabo bocagiano.

Façamos esta invocação em quanto não temos de lutar com prejuizos de uma escola, e em quanto não seguimos um systema por habito.

Não se diga que haveria dissonancia no uso simultaneo da prosa e do verso ; tal não é, porque a prosa do Sr. Herculano é verso, e o verso do Sr. Garret parece prosa. O primeiro mostra-nos a sua força em toda a sua plenitude; no mesmo tempo em que admiramos a energia da phrase, o som das palavras vai de per si reboando nos ouvidos como se fôra o echo de uma tempestade. No segundo ha tanta graça, tanta singeleza, tão prodigiosa facilidade de movimentos que nós conjecturamos maravilhados a força incrível que elle parece adrede occultar. Perdoem-me a comparação, que não sei se é minha : é o cysne que pôde

ser aguia, e que mostra que o é, mas que, satisfeito de nos encantar com a sua graça, menospreza a força com que elle poderia remontar-se ás nuvens para empolgar os raios do sol. A prosa de Bernardim Ribeiro casar-se-hia maravilhosamente com os versos do Sr. Garret, como os versos de Bocage com a prosa do Sr. Herculano.

A difficuldade não é invencivel, porque a distancia não é tão grande como parece.

Eu o repito : innovemos neste ponto. Se eu o não tentei, é certo ao menos que era essa a minha intenção quando imaginei este drama, tal qual é. Aquella desbotada imitação de Corneille, aquellas palavras que diz Alcoforado antes de receber a fita de que a duqueza lhe faz mimo, seria o estreamento da tentativa e continuaria com ella pelo decurso do drama. Quando, no quarto quadro, a duqueza começa a exaltar-se com o som das suas proprias palavras, fazendo subir de ponto a impaciencia do duque, a colera deste, instigada pela demora, devia trovejar-lhe nos labios em versos robustos, e o espectador comprehenderia optimamente a razão da subita mudança. D'aqui até ao fim do quadro continuaria sempre a poesia. A voz de Alcoforado supplicando a vida da duqueza seria como uma harpa em uma orchestra, a voz da duqueza como um acorde mavioso, e a voz do duque e dos da sua comitiva como um acompanhamento funebre e pavoroso. Não sei o que diga ; mas está me parecendo que, se quando a platéa esperasse anciosa o desfecho de uma scena, de um acto ou do drama, mudassem os actores repentinamente de linguagem, e trovejasse ao mesmo tempo o verso nos labios dos actores e a musica em todos os instrumentos da orchestra, haveria na platéa tal fascinação que devia esmorecer por fim

n'um bater prolongado de palmas e n'um estrugir acalorado de bravos. Mas não é da musica que tratamos agora.

Talvez queira alguém saber o motivo porque não pratiquei aquillo mesmo que agora aconselho, e que digo ser conveniente fazer-se. Dil-o-hei francamente.

Não o fiz, porque, quanto a mim, toda a innovação deve ser intentada por alguém que já tenha um nome e sympathias que com mais ou menos probabilidade lhe garantam o successo. Neste caso, a mallogração é de pessimos resultados, não tanto para o autor, como para a arte; o publico toma para si uma opinião bem ou mal fundada, os mais altos temem arrostal-a, e haverá no progresso da arte retardamento de um seculo ou de mais, até que de todo se apague a idéa da mallogração ou do ridiculo, e que outros homens estejam dispostos a receber idéas já rejeitadas por seus antepassados.

Foi esta a causa; porém outra ha que eu não sei se faço mal em a dizer.

O drama é feito para ser representado, e entre nós só podem ser representados os que fõrem approvados pela censura competente; de maneira que o nosso conservatorio dramático na côrte, e um delegado ou subdelegado de policia nas provincias, tem um *veto* omnipotente contra o qual não ha recurso, ou eu não o conheço. Quem nos dirá que na primeira folha do malfadado manuscripto não gravaria o conservatorio dramático o seu *veto*? O *veto* é tanto mais facil de ser exarado, que a lei não exige o porque, tanto mais facil que delle não ha recurso senão para elle, e ainda tanto mais facil que ou elle se applica as producções estrangeiras, e o autor não pôde ou não quer advogar a sua causa ou a nacionaes, e estes temem quebrar a

sua carreira; temor infundado, bem se vê, pois que o conservatorio é superior a estas ninharias; mas emfim é temor, e contra elle não sei que haja medicina. A culpa quem a tem não é o conservatorio dramático, folgo de o poder dizer com verdade; o conservatorio tem homens de conhecimentos, de consciencia e de engenho, homens que são a flôr da nossa litteratura e os mestres do nosso theatro. Mal me estaria a mim, autor ephemero e desconhecido, querer levar mão de um só dos seus louros, que eu sei de quanto desinteresse carece, de quanta força de vontade, de que impulsão irresistivel do genio ou do fado, quem quer que entre nós se abalança a colhel-os no meio do indifferentismo da nossa gente e do sorriso quasi mofador, quasi compassivo dos que os não deviam desconhecer. Mas digo que esses litteratos e dramaturgos não podem ser uteis ali, porque executam fielmente a lei, que é um regulamento policial em vez de ser uma medida puramente litteraria. Digo que até os folhetins que se publicam no *Jornal do Commercio*, sob o título — *Semana Lyrica* —, são em tudo de mais effeito e utilidade do que as censuras do conservatorio, mesmo quando a *Minerva* lhes dava tal ou qual publicidade. Quem tem a culpa é a lei; e tanto mais culpada é ella, que, se meia duzia de mancebos, de seu motu proprio, se reunissem para o mesmo fim, a sua pequena associação seria necessariamente mais vantajosa ás letras do que o instituto do conservatorio. Sem autoridade legal, os decretos dessa reunião ou associação, para que fossem de alguma importancia, deveriam ser fundados na boa razão, na justica e na imparcialidade. A sua critica diaria, hebdomadaria ou mensal, publicada pela imprensa, chegaria ao conhecimento de todos, e, suscitando polemica, serviria para iniciar

o publico nos segredos da arte, para formar-lhe o gosto, quando o não tivesse formado, e avigorar-lhe a opinião já creada, quando fosse a boa. Seria emfim uma instituição creadora em vez de não ser nem conservadora, fructifera em vez de ser estéril, e auxiliadora em vez de ser repressiva. O engenho não quer peias; é esta uma verdade já hoje tão vulgarisada, que não carece de demonstração. Bem é que de uma vez nos convençamos que deve haver liberdade de pensamento, não só para o jornalismo, mas principalmente para a litteratura, que não é de razão nem de justiça poder o infimo dos mechanicos encarar o seu pensamento nas suas obras, e que só ao poeta dramatico não se permitta deixar-se arrebatar livremente pela inspiração, mas antes seja constrangido, além de lutar com os nossos preconceitos, a meditar e a pesar a sua phrase para que algum Argos vigilante não descubra nella longes de feições que elle não conhece, ou resaiço de opiniões que não são delle. A liberdade de pensamento no drama não é como nós a entendemos, a só facultade de o crear, mas tambem a de o publicar; e a sua primeira publicação é a recita. Se o drama não fôr representado, será bom como obra litteraria, mas nunca como drama. Se o drama não póde ser representado, mas o promotor consente que elle corra livremente impresso, dizem alguns que fica salva a liberdade do pensamento, e eu entendo que ella é muito mal entendida.

Não digo que favoreçamos a litteratura, digo sómente que lhe não devemos pôr mais tropeços do que os que ella em si já tem.

Encanar na sua nascença um rio que, indigente de aguas, mal póde com ellas lavar seu leito, é trabalho de nenhum merecimento; porém, se elle no fim da

carreira engrossa e precipita a corrente, e sobrepujando as ribanceiras, alaga as margens e inunda largamente os campos, em tão boa hora que o encanem, mas não lhe ponham diques, que fôra inútil além de perigoso.

Quando pois a lei fôr revogada, como eu creio e espero, poderá qualquer autor compôr un drama neste sentido, com a certeza de que a experiencia será inteira e o resultado decisivo. Será outro, que não eu. Apareço um dia no mundo litterario, e brevemente lhe direi o meu ultimo adeos. Vencedor ou vencido, não me tornarão a ver sobre a arena combatendo em favor das artes, e sendo por amor dellas o primeiro a applaudir e a exaltar os meus competidores.

Setembro de 1846.

ACTO I

PERSONAGENS

D. JAYME, *duque de Bragança.*
LEONOR DE MENDONÇA, *duquesa de Bragança*
ALFONSO PIRES ALCOFORADO, *o velho.*
ANTONIO, }
MANOEL, } *seus filhos.*
LAURA, }
FERNÃO VELHO, *veador do Duque.*
PAULA, *camarista da Duquesa.*
LOPO GARCIA, *capellão do Duque.*
UM SERVO.
UM PRETO.
HOMENS D'ARMAS, PAGENS E CRIADOS.

*A acção passa-se em Villa-Viçosa, a 2 de Novembro
de 1512.*

ACTO I

QUADRO I

A scena representa uma sala com um toucador, portas lateraes, porta no fundo, um banco e mesa com bancos de damasco, algumas cadeiras de espaldar; decoração da época.

SCENA I

PAULA, *só, acabando de compôr a mesa.*

O que se havia de metter em cabeça áquelle pobre Alcoforado! E escolher-me a mim, logo a mim para sua confidente! Mas enfim elle é tão novo, que não era de razão que eu o deixasse morrer assim sem mais nem menos. Que doudo aquelle!... Foi logo offerecer offrendas e romarias áquella santa que por certo lh'as não ha de acceitar; porém que se me dá a mim que elle gaste cera com ruins defuntos em vez de a mandar benzer para se guardar dos trovões!

SCENA II

PAULA, *a DUQUEZA*

PAULA

Jesus! sois vós, Sra. duquesa!

A DUQUEZA, *sorrindo-se.*

De que te admiras?

PAULA

Tão cedo! apenas o sol acaba de nascer; acaso estais doente?

A DUQUEZA

Não pude dormir; assim me acontece sempre em terras pequenas. Não tenho em que empregar os serões, deito-me cedo, e passo a noite a revolver-me no leito.

PAULA

Como estais pallida! Realmente é-nos preciso ir para a côrte quanto antes; que se passais muitas noites como esta, não vos asseguro a vida por um ceutil.

A DUQUEZA

Dizes bem; porém em quanto por cá andamos, não te esqueças de me tocar.

PAULA

Sim, tocar-vos agora para terdes ao meio dia um toucado desfeito e sem graça.

A DUQUEZA

Compôl-o-has de novo. Custa muito? (*Paula começa a toucal-a.*) Já hoje viste o Sr. duque?

PAULA

Ah! o Sr. duque! está outro como vós! Esta manhã, ainda o sol não era nascido, senti um tropel á porta do palacio; cheguei-me á janella, e vi dois

cavallos arriados e prompts; pouco depois sahiu o Sr. duque, cavalgou de um salto o primeiro que encontrou, e quando Fernão Velho, o veador, acabava de cavalgar o segundo, já elle se tinha sumido lá, bem longe, como quem vai caminho da tapada.

A DUQUEZA

Pobre homem!

PAULA

Pobre! bem terrível que é elle.

A DUQUEZA

Terrível porque? Não sabes tu que o duque tem alma grande e coração generoso?

PAULA

Generoso e grande quanto quizerdes; o que todavia não obsta a que eu em sentindo os seus passos me não deseje a cincoenta braças pela terra dentro, ou a cincoenta leguas distante delle.

A DUQUEZA

Devêras antes compadecer-te do muito que elle ha soffrido! Crês tu que a sua tristeza sombria e inexpugnável cifre-se toda nas rugas que lhe vês sulcar o rosto? Não... mais funda é a sua raiz, tu a encontrarás no seu pensamento e nas recordações dolorosissimas que o esmagam.

PAULA

Vão lá ter compaixão de um homem que amedranta a gente!... Apesar de me repetir a mim mesma quanto me dizeis, Senhora duqueza, não posso acabar comigo de... antipathisar com elle.

A DUQUEZA, *severa.*

Fallas de meu marido?

PAULA

Jesus! eu bem sei que elle é vosso marido; porém devo eu por isso faltar á verdade?... Meu Deos! parece que nunca sentistes calar-vos pelos ossos uma sensação de frio quando elle firma sobre um rosto qualquer aquelles olhos negros e sombrios, que parecem querer virar a gente de dentro para fóra.

A DUQUEZA

Cala-te. (*Mais baixo.*) Eu mesma, Paula, eu mesma, quando adivinho, não me é preciso ver, quando adivinho que meu marido me encara fixamente, sinto o sangue arder-me nas faces e perturbo-me toda como se fosse criminosa; e todavia não tenho um pensamento, nem sequer um pensamento de que me deva accusar.

PAULA

Vêde! até vós mesma...

A DUQUEZA

Não posso escutal-o sem estar em continuo sobresalto; mesmo quando elle me falla eu temo a explosão da sua colera. A sua colera terrivel! eu a temo! eu a temo!... E contudo, para que o amasse bem pouco lhe seria preciso... elle não o quer.

PAULA

Elle, senhora!

A DUQUEZA

O rei seu tio, a rainha sua avó, a duqueza sua mãe, todos o constrangeram a celebrar este casamento bem contra a sua vontade. Elle o não queria, a ponto de tentar evadir-se disfarçado. Reputa-me a causa de

haver elle mentido á sua vocação, e ainda me não pôde perdoar.

PAULA

Mas que culpa tendes vós?

A DUQUEZA

Nenhuma; e contudo elle tem razão. Quem se não irrita de encontrar continuamente o mesmo obstaculo diante de si? Apezar disso elle trata-me com magnificencia real, tem para comigo deferencias e attentões, que eu bem sei que mais são filhas da urbanidade que do coração; mas outro fosse elle que facilmente se esqueceria na sua vida intima das maneiras de cortezão. Sempre é certo que elle é bem melhor do que o suppões.

PAULA

Não vos contradirei, Senhora duqueza. Prouvéra ao céo que elle fosse tão bom como vós sois.

A DUQUEZA

Que! já aprendeste a lisongear?

PAULA

Pois devéras, Senhora duqueza, sou eu a primeira em dizer-vos cousas tão simples como isto?

A DUQUEZA

Certo, és a primeira.

PAULA

Pasmo com o que me dizeis. Permittis-me que vos falle toda a minha verdade?

A DUQUEZA

Dize-a.

PAULA

Olhai, senhora ; se sou a primeira em dizer-vos que sois bella e que tendes bom coração, muitos outros que pensam como eu calam-se prudentemente para que não tomeis a verdade por offensa, nem por lisonja o louvor merecido.

A DUQUEZA

Boa Paula ! julgas que todos me vêm com os teus olhos, e que em mim pensam com a tua alma ?

PAULA

Não, senhora ; com melhores olhos que os meus, com alma mais ardente que a minha... Um sobre todos...

A DUQUEZA

Quem ?

PAULA

Aquelle bello mancebo que todas as manhãs passa por defronte de vosso balcão montado em um formoso ginete murzello, que elle parece soffrear não com esforço, mas só por força da sua gentileza.

A DUQUEZA

De quem fallas tu ?

PAULA, *continuando.*

Ainda não cinge espada de cavalleiro, mas...

A DUQUEZA

Ah !

PAULA

Mas quando elle a houver cingido... vereis... vereis que nome terá o Sr. Alcoforado ! Ha de ser alguma

cousa assim como Hermigues o Traga-Mouros, ou Leonardo o cavalleiro namorado.

A DUQUEZA

És mais habil do que eu, que ainda lhe não pude descobrir partes de cavalleiro.

PAULA

Oh ! é porque ainda lh'as não quizestes descobrir, ou porque talvez ainda não attentastes bem nelle.

A DUQUEZA

Muito te interessas por elle, minha boa Paula.

PAULA

Muito : porque vos hei de eu mentir?... Gosto muito delle... Sabeis o que o outro dia me aconteceu ?

A DUQUEZA

Que foi ?

PAULA

O outro dia tinha eu na mão aquella vossa fita de setim raso aleonado, e elle, que me viu com ella, veio direito a mim, e sem me dar tempo para dizer ai ! cortou um pedaço e... levou-o !

A DUQUEZA, *levantando-se.*

Imprudente ! não sabes que tenho por costume de a trazer, e que todos em palacio já me viram com ella ?

PAULA

Não vos estou dizendo que não tive tempo para dizer ai ! E depois, que mal ha nisso ? uma fita já toda amarrotada !...

A DUQUEZA, *severa.*

Seja o que fôr, senhora, cousas que me pertençam

não as quero por mãos de estranhos. Quando para aqui viemos, eu pedi ao Sr. duque que me livrasse da etiqueta cortezã, da numerosa companhia das damas do meu serviço, e que a vós só fosse licito acompanhar-me. Não deveis, portanto, abusar da minha condescendencia, nem comprometter-me com a vossa leviandade. Não sabeis que genio tem o duque.

PAULA

Mas que querieis vós que eu fizesse? Elle julgou que a fita fosse minha.

A DUQUEZA, *menos severa.*

Estais certa disso?

PAULA

Pois de quem a havia elle de julgar? Viu-me com uma fita nas mãos, e pensou, muito naturalmente, que era minha.

A DUQUEZA, *a parte.*

Vaidosa! *Alto.* Bem : o Sr. duque não pensará tão naturalmente como vós; e assim é mister que a torneis a haver.

PAULA

Eu lh'a pedirei, Senhora duqueza; e se elle a recusar... oh! então nós o faremos julgar contumaz e revel, e como tal degradar para a alguma das sete partidas do mundo, com barão ao pescoço e prégão que diga : — Cavalleiro descortez e descomedido degraçado por amor.

A DUQUEZA

Se elle vos não quizer attender, recorreremos a ou-

tra justiça, menos pomposa, porém mais segura. (*Senta-se e com a mão faz-lhe signal que se retire.*)

PAULA, *a parte.*

Jesus, Senhor! (*Abre a porta do fundo e olha a furto para dentro.*) Ainda não!

A DUQUEZA

Que dizes tu?

PAULA

Nada, Senhora; estava agora lembrando-me d'aquelle pobre cavalleiro!

A DUQUEZA

Está bem, está bem. (*Repete-lhe o signal. Paula sahe; momento de silencio.*) Não gosto de ouvir fallar nelle, e não posso pensar em outra cousa. Porque?... (*Torna-se pensativa.*)

SCENA III

ALCOFORADO, a DUQUEZA.

ALCOFORADO

Senhora duqueza!

A DUQUEZA, *levantando-se.*

Paula! Paula!

PAULA, *entrando.*

Que me quereis, Senhora duqueza?

A DUQUEZA, *em voz baixa.*

Não sabias tu que elle vinha? porque me deixaste só?

PAULA

Não o sabia, Senhora.

A DUQUEZA

Não importa; ficarás comigo.

PAULA

Quereis que elle presuma que delle vos arreceiais?

A DUQUEZA

Ah! (*Alto.*) Que fazias tu?

PAULA

Ia para junto dos vossos filhos.

A DUQUEZA

Está bem : podes ir. (*Paula sahe.*)

SCENA IV

ALCOFORADO, a DUQUEZA.

ALCOFORADO

Senhora duqueza.

A DUQUEZA, *sem olhar para elle.*

A que vindes, senhor?

ALCOFORADO

Saber se alguma cousa vos apraz mandar do meu serviço.

A DUQUEZA

Nada, Senhor; podeis retirar-vos. (*Alcoforado encara-a tristemente por alguns segundos, e vai para sahir. A duqueza observando-o.*) Pobre mancebo! bastou uma só palavra minha para o entristecer áquelle ponto!... (*Sentando-se.*) Sr. Alcoforado! (*Voltando-se para elle.*) Como vai a vossa boa irmã, senhor?

ALCOFORADO

Vós sois boa, Senhora duqueza. Sois severa de vez em quando, porém também tendes accentos que são como alivio para quem o escuta.

A DUQUEZA, *admirada.*

Mas quando eu vos fallo de vossa irmã, a que proposito vem a minha bondade?

ALCOFORADO

A que vem, senhora?... É que vós me vistes triste e pensativo, temendo ter incorrido no vosso desagrado, e não quizestes que eu me fosse da vossa presença com aquelle espinho no coração. Sois boa e generosa : pois não é generosa a mão que, podendo colher uma flôr para a desfolhar no seu caminho, a deixa verde e orvalhada balancear-se na sua haste? Não é generoso o pé que, podendo calcar um insecto, resalva-o para lhe não fazer mal algum?

A DUQUEZA

Enlouqueceis, senhor?

ALCOFORADO

Que sei eu Senhora duqueza? Eu mesmo não sei o que digo; mas já principiei a dizer-vos destas cousas que não comprehendo, e que todavia não posso esconder-vos por mais tempo, deixai que as diga por uma vez, e podes depois ordenar-me que não mais appareça diante de vós... Oh! não; dai-me um castigo bem rigoroso, mas não me exileis da vossa presença.

A DUQUEZA

Inquietais-me.

ALCOFORADO

Escutai-me, senhora duqueza. As pessoas da vossa jérarchia têm ás vezes necessidade urgente de um homem resolutu e discreto que marche afoutamente por meio das trevas sem temer os golpes de um punhal traíçoeiro, nem a morte obscura e sem gloria, que em meio dellas o poderá alcançar : têm ás vezes caprichos imperiosos, e para os satisfazer é preciso todo o apparelho da tortura e todo o horror do cadafalso. Assim m'o disseram. Se alguma vez tiverdes um desses caprichos ou uma dessas necessidade, dizei-me : — vai! e eu andarei por meio das trevas; — soffre! e eu me sujeitarei á tortura; — morre! e eu subirei ao cadafalso.

A DUQUEZA

Sr. Alcoforado, não queira Deos dar-me taes pensamentos, nem tenha eu a criminosa vontade de manchar em seu começo a vossa vida que promette ser tão bella. A vossa patria tem necessidade de almas puras, de braços esforçados e de homens que saibam morrer por ella; não de morte infamante como a quereis, mas da morte gloriosa do valente na arena do combate! Será d'ora avante meu cuidado abrir diante de vós uma senda nobre e grande por onde marcheis desassombrado e a passos de gigante.

ALCOFORADO

Não vos pedi eu que me não exilasseis da vossa presença?

A DUQUEZA

Ah! chamais a isto exilio!... Bem sei que na vossa idade ha sempre motivos fortes que nos prendem á terra em que vivemos; porém é bem melhor que vos

vades afazendo á idéa de que cedo ou tarde os haveis de romper, e por motivos talvez mais ponderosos. (*Attentando no barrete.*) Tendes um lindo barrete, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO

Um mimo de minha irmã, senhora.

A DUQUEZA

Deixai-m'o ver?... É lindo!... E esta fita tambem foi vossa irmã quem vol-a deu?

ALCOFORADO, *a parte.*

Céos! .. (*Alto.*) Não, senhora.

A DUQUEZA

Agora me lembra! A minha camareira queixou-se-me ha pouco de que impolidamente lhe haveis cortado uma fita que ella trazia na mão. (*Desprendendo a fita.*) E como essa fita era minha, não llevareis a mal que eu della me aposse de novo. (*Dá-lhe o barrete e põe a fita sobre a mesa. Momento de silencio.*) Vós partireis, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO

Poderia eu desobedecer-vos, senhora!

A DUQUEZA

Partireis. O Sr. rei D. Manoel abriu aos seus campeões as portas da Asia e derribou as da Africa: lá ireis ganhar as vossas esporas, e desde já vos asseguro que eu me alegrarei a cada noticia que me chegar de algum feito brioso que houverdes praticado, porque então conhecerei que sois digno de toda a minha protecção.

ALCOFORADO

E as pequenas palmas que eu colher no campo da

gloria, poderei, senhora, poderei depôr aos pés da minha protectora?

A DUQUEZA

Quem vol-o obstará? As nossas donas ainda se não esqueceram de sentir emoção ao aspecto de um rosto queimado pelo sol da Africa, de uma fronte corôada de louros ou de um peito coberto de cicatrizes. D. Manoel é magnifico; quando vêmos uma commenda ao peito de um lidador, bem sabemos que ella esconde uma ferida gloriosa.

ALCOFORADO

E para que eu não desfalleça na senda perigosa que ora vou trilhar sósinho e sem conselhos...

A DUQUEZA

Quereis uma memoria, não é assim?

ALCOFORADO

Não me atrevia a pedil-a.

A DUQUEZA, *brincando com a fita.*

Dar-vos-hemos uma memoria, Sr. Alcoforado; uma memoria que em nossa ausencia vos aconselhe e que vos diga que, assim como estimaremos o vosso triumpho, uma acção má que praticardes nos será motivo de grande nojo e nos desconceituará perante nós mesma. (*Momento de silencio. A duqueza levanta-se e estende-lhe a fita.*) Não é isto o que desejas possuir?

ALCOFORADO, *com enthusiasmo.*

Mouros e Africanos! atravessarei os mares para vos ir atacar impavido nos vossas espeluncas, para vos acoçar nos vossos páramos ardentes, para vos ir

desafiar da porta das vossas fortalezas espedaçando o cajado dos vossos alarves. E quando dentre as vossas ruinas, do cimo de algum panno de muralha, a minha espada ensanguentada e fumegante apontar para o Occidente rutilando sobre vós outros como um meteoro aziago, o echo do meu nome atravessará de novo os mares, e vós direis por ventura com orgulho que eu era digno... (*Cahindo-lhe aos pés e tomando-lhe a fita*). Da vossa protecção.

SCENA V

OS MESMOS, UM PAGEM

O PAGEM

Senhora duqueza! (*Alcoforado levanta-se confuso.*) O duque, meu senhor, manda saber de vós se lhe permittis visitar-vos.

A DUQUEZA

Dizei ao Sr. duque que sou bem feliz quando elle se digna de me honrar com a sua presença. (*O pagem sahe.*) Sr. Alcoforado, os fidalgos da comitiva do meu nobre esposo e senhor d'ora em diante só me poderão fallar no salão do palacio.

ALCOFORADO

Mercê, Senhora duqueza!

A DUQUEZA

E isto começa desde já a effectuar-se.

ALCOFORADO

Mandais, senhora. (*Curva-se e retira-se.*)

A DUQUEZA, *pensativa.*

Fui imprudente!

SCENA VI

O DUQUE, a DUQUEZA.

O DUQUE

Minha duqueza, venho hoje feliz e venturoso...
(*Olhando em redor de si com desconfiança.*) Não fal-
laveis a alguém?

A DUQUEZA

Ao Sr. Alcoforado que se retirou neste momento.

O DUQUE

É um gentil mancebo o Sr. Alcoforado. Nós promet-
têmos ao seu velho pai fazer d'elle um brioso caval-
leiro, e por S. Thiago, não nos falta vontade de cum-
prirmos com a nossa promessa. Que pretendia elle?

A DUQUEZA

Quasi nada : que lhe permittissem entrar n'outra
carreira deixando o vosso serviço, e que impetrassem
d'el-rei vosso tio uma recommendação aos fronteiros
d'Africa para...

O DUQUE, *interrompendo-a.*

Para que o tratem com mil atenções, deixando-o
vegetar na sua barraca de campanha com uma flôr
n'uma estufa, não é isso?

A DUQUEZA

Não, senhor ; para que lhe assignem um posto peri-

goso, onde elle possa alcançar morte honrosa ou
nome glorioso.

O DUQUE

Bem, muito bem. Apraz-nos sabê-lo desse accôrdo,
que é de um animo generoso revelar tal ardimento
em tão verde juventude! Nós lhe abriremos essa
estrada, e talvez que um dia nós mesmo, fronteiro
das terras dentre Douro e Minho, fuçamos da vossa
muito amada companhia para irmos além-mar com
os nossos vassallos accometter os idolatras ao grito
de Bragança e Portugal!... O Sr. rei D. Manoel, que
nos não quiz ver professar na religião de Malta, per-
mittirá sem duvida á nossa espada dilatar-lhe o im-
perio por terras de infiéis. (*Momento de silencio.*)
Não é para isto que vimos ter comvosco. Sentai-vos.
Dizei-me, duqueza, não vos apraz esta vida um pouco
rustica que viemos aqui buscar neste desterro?

A DUQUEZA

Não é do meu dever seguir-vos para onde vos
aprouver levar-me?

O DUQUE

Não vos fallo do vosso dever; trata-se de vós, do
vosso gosto ; pergunto-vos se não amais esta vivenda.

A DUQUEZA

Duque, poderia eu estar melhor algures que na
vossa companhia?

O DUQUE

Sempre boa, affavel e condescendente! Mas certo
que deveis amar esta vida que aqui passamos em
Villa-Viçosa. Tendes a alma um pouco propensa á

tristeza e á melancolia : é um contagio em todos os que me cercam e que vivem da minha vida. Para essas almas, Duqueza, a vida cortezá é pesada e odiosa... Eu mesmo... ha momento na minha vida em que eu daria de boamente honrarias, brazões, titulos, nome e tudo para que aldeão simples e humilde me deixassem viver obscuro e feliz longe do clamor das turbas e do bulicio do mundo. Não imaginais com que profundo prazer parto sempre para viver uma semana na serra d'Ossa com os meus capellães, ali mentando-me com a doutrina d'aquelles santos padres, ou exercendo as praticas mais severas da sua religião; ou então, e bem melhor, para habitar o meu oratorio no convento do Bosque. O meu oratorio, sabeis o que é? Uma ermidasinha humilde e vergonhosa ali escondida entre as ramas do arvoredado frondoso como um pensamento de virgem, aformoseado pelo silencio e pelo pudor. Os pensamentos que aqui me perseguem, dolorosos como a realidade, lá me apparecem doces e tristes como uma recordação.

A DUQUEZA

Eu concebo, Sr. duque, que vós partais sempre com a felicidade no coração, e que sempre torneis...

O DUQUE, *atalhando-a.*

Mais feliz do que parti. Tenho a certeza de encontrar sempre a vossa inalteravel doçura, a vossa alma compassiva e angelica, e o vosso rosto sereno e tranquillo. Não é comvosco que as minhas recordações... (*Apertando a cabeça.*) Sempre ellas!...

A DUQUEZA

Soffreis, Sr. Duque?

O DUQUE

Muito. Esta noite não sei que negros pensamentos me atormentáram. A morte lastimosa de meu pai, a minha infancia desvalida, o meu envenenamento, o meu exilio por terras estranhas, eram eventos dolorosissimos que, sem cessar, me passavam por diante dos olhos roubando-me o somno... e a razão, creio eu...

A DUQUEZA

E não vos distrahistes com o passeio desta manhã?

O DUQUE

Sim. A corrida afanada, o tresfolgar dos cavallos e a aragem fresca do romper d'alva tiveram forças para me chamar á realidade em poucos instantes. Respirei profundamente o ar purissimo dos campos, vi o sol bordar o horizonte com uma franja de purpura, derramar pelo céo alvacentos listões de fogo vivissimo, e destacar dos montes, como uma columna de incenso, a neblina pegajosa que ali se balançava como um pennacho de guerreiro em dia de batalha. Vi a natureza sorrir-se em redor de mim; e eu extasiei-me de a sentir tão fundamentalmente, e fui feliz! Tão feliz como no dia em que o senhor rei houve por bem mandar abrir as portas do meu palacio, fechadas com estrondo por um vento de morte. Tão feliz como no dia em que eu arranquei o crepe funebre que enlutava o meu escudo, pregado ali pela mão do carrasco. (*Levantando-se.*) Quando meu pai... Pagem! pagem!

A DUQUEZA

Que tendes vós, senhor?

O DUQUE

Não vêdes que me é preciso sahir ainda, que me é preciso matar este pensamento com algum exercicio? (*O pagem entra.*)

SCENA VII

OS MESMOS, UM PAGEM.

O DUQUE

Fernão Velho que mande sellar os ginetes, que faça apromptar a matilha e os falcões, e que abra a sala de armas para que os meus pagens e os senhores do meu serviço, que me quizerem acompanhar, se apparelhem para a caça. (*O pagem vai-se.*)

SCENA VIII

O DUQUE a DUQUEZA.

O DUQUE

Não vindes, Senhora duqueza?

A DUQUEZA

Se me permittis, D. Jayme.

O DUQUE

Vamos á deveza de Villaboim que, como sabeis, abunda em caça; tem alguns javalis, mas creio que delles vos não arreceiais; e demais, é occasião de experimentardes o vosso bello palafrem andaluz que ha pouco vos chegou de Hespanha. Quereis vir?

A DUQUEZA

Mandais...

O DUQUE

Não, peço-vos.

A DUQUEZA

Mas... desejais ao menos levar-me na vossa companhia?

O DUQUE

Ser-me-hia prazer se para vós não fosse incommodo.

A DUQUEZA

Irei, D. Jayme.

O DUQUE

Eu vol-o agradeço, minha bella guerreira, e de volta fallaremos do vosso protegido.

A DUQUEZA

Meu protegido!

O DUQUE

Sim, não vos interessais por elle.

A DUQUEZA

Como cousa que, por assim dizer, vos pertence.

O DUQUE

É ser cruel, duqueza! Pois nem ao menos quereis que tenha a presumpção de haver retribuido com outra a vossa cortezia? Como quizerdes, é certo que me não peza de vos ficar obrigado. Elle partirá. Vireis já não é assim?

A DUQUEZA

Creio que vos não farei esperar.

O DUQUE

Então sêde breve. (*O duque vai-se.*)

SCENA IX

A DUQUEZA, só.

Elle irá tambem comnosco; eu o adivinho... Vêl-o hei pela ultima vez.

QUADRO II

A scena representa o mesmo aposento do quadro primeiro.

SCENA I

A DUQUEZA, PAULA

PAULA

Como estais, Senhora duqueza?

A DUQUEZA

Boa. Não veio alguém saber de mim?

PAULA

Un pagem do Sr. duque da parte de seu amo.

A DUQUEZA

Tu que lhe disseste?

PAULA

Que descansaveis; e elle tornou para dizer-me que o Sr. duque seria comvosco logo que acabasseis de repousar.

A DUQUEZA

Está bem. (*Momento de silencio.*)

PAULA

Senhora duqueza, é certo o que se diz que vos ia acontecendo?

A DUQUEZA

O que?

PAULA

Um desastre?

A DUQUEZA

É certo.

PAULA

Mas podia elle ser de morte?

A DUQUEZA

Que sei eu? Talvez fosse : felizmente o meu bom anjo me não desamparou.

PAULA

O vosso bom anjo?

A DUQUEZA

Sim. Foi um momento horrível, Paula. O duque se havia embrenhado pela floresta com a sua comitiva, e alguns cavalleiros que me guardavam insensivelmente me foram abandonando, seguindo o vôo de um falcão que tinham soltado : de repente o meu palafrem arrancou comigo pulando troncos, pedras e valados.

PAULA

E não cahistes?

A DUQUEZA

Quiz ver de que se tinha elle espantado : voltei a cabeça e vi... foi horrível! um javali que vinha sobre mim!

PAULA

Jesus, Senhor!

A DUQUEZA

Perdi o tino; em vez de lhe soltar as rédeas, puxei-as com força : elle tropeçou, cahiu, e eu cahi com elle.

PAULA

Virgem Santissima!... E como vos salvastes?

A DUQUEZA

Houve-me por morta, porém não tive tempo para ter medo. Escrava da minha sorte e sem tentar escapar-lhe, fechei os olhos, senti o zunido de uma cousa que cortava os ares e um braço que me enlaçava pela cintura quando eu ia a cahir por terra.

PAULA

Foi o Sr. duque!... Bom homem!... que muito que lhe eu já quero pelo bem que vos ha feito.

A DUQUEZA

Não foi elle. Abri os olhos para ver o protector que o céu tão opportunamente me enviára. Era Alcoforado quem me tinha salvado a vida. Por esforço de coragem sobrenatural, que ainda não sei como a achei em mim, quiz-me interpôr entre elle e o animal, que pouco havia não tinha ousado affrontar; porém ao tropel de alguns cavalleiros, olhei n'aquella direcção, e vi meu marido que de nós se aproximava : senti como uma nuvem diante dos olhos e cahi desmaiada.

PAULA

Nobre mancebo!

A DUQUEZA

Quando tornei a mim já elle tinha desaparecido :

vi sómente o javali com um venabulo que o atravessava de parte a parte. Foi preciso vê-lo para me convencer de que o que eu suppunha um sonho tinha sido uma realidade.

PAULA

Então, Senhora duqueza! Não é com razão que vos digo que o mancebo, em quem ainda não podestes descobrir partes de cavalleiro, será em algum tempo guerreiro de nomeada?

A DUQUEZA

Tens razão, boa Paula. A estas horas que seria de mim se elle não fosse?

PAULA

E bem que vós deu elle desmentido tão cavalheiroso! Ainda quereis que lhe eu peça a vossa fita?

A DUQUEZA

Quando outra cousa não fosse, ser-me-hia bastante desairoso negar cousa tão pouca a quem tanto fez por meu respeito; não lhe falles nella! (*Silencio*).

SCENA II

OS MESMOS, O DUQUE

O DUQUE, *sombrio*.

Como ides, senhora?

A DUQUEZA

Foi um sobresalto, Sr. duque; um deliquio passageiro que não merecia a vossa solicitude.

O DUQUE

Folgamos de vos achar perfeitamente restabelecida. Pezar-nos-hia que por nossa causa soffresseis graves incommodos.

A DUQUEZA

Quando eu os soffresse, D. Jayme, não terieis razão para vos culpardes a vós mesmo. É verdade que fostes vos que me pedistes de ir a esta caçada; porém o acontecimento, que teve logar, estava tanto acima da providencia humana, que não era de ser prevenido.

O DUQUE

Sim, duqueza, estava muito acima da providencia humana, porém não dos meus presentimentos. Já fallastes ao vosso salvador?

A DUQUEZA

Não, Sr. duque.

O DUQUE

Convém que lhe falleis. A pessoas da nossa jerarchia não está bem dever favores a quem quer que seja; porém quando tal aconteça, deve-se-lhe uma remuneração tal, que elle se não lembre do favor prestado, se não do galardão recebido. Fallai-lhe, promettei-lhe quanto vos aprouver, que nós de antemão subscrevemos a tudo quanto lhe prometterdes: antes mais que menos... Paula, na antecamara da Senhora duqueza deve estar algum dos nossos pagens; dizei-lhe que chame o Sr. Alcoforado, e trazei-nos depois um copo d'agua. (*Paula sahe.*)

SCENA III

O DUQUE, a DUQUEZA

O DUQUE, *rompendo o silencio.*

Quereis ir para a côrte, Senhora duqueza?

A DUQUEZA

E vós tambem ides?

O DUQUE

Comigo ou sem mim, isso que importa?

A DUQUEZA

Duque, morarei de bom grado onde quer que morardes : o logar pouco me importa.

O DUQUE

Mas não se dirá que sou um esposo colerico e despotico, que entorpeço a vossa vontade, que embargo as vossas acções, que ponho obstaculos aos vossos mais innocentes, mais intimos desejos? Por Deos, senhora, tende sequer por um instante, sequer uma vez um desejo vosso, uma vontade vossa, livre e independente de outro desejo e de outra vontade. Não vos mostreis como victima adornada para o sacrificio, e levada para ali máo grado seu; mostrai-vos senhora, que realmente o sois.

A DUQUEZA

Irei, Sr. duque.

O DUQUE

Fallai assim, que vos entenderemos. A côrte tem muitas festas, muita pompa, muitos divertimentos : precisais delles, bem o sabemos.

SCENA IV

Os MESMOS, PAULA, *com um copo d'agua.*

O DUQUE, *continuando.*

Com o vosso genio careceis de distracções, e fazeis bem em vos distrahirdes, ou dia virá em que, como eu, máo grado vosso, sereis victima da vossa imaginação. (*Tomando o copo machinalmente.*) Sei que esta vida não deve quadrar com a vossa vida, e assim approvo inteiramente a vossa resolução. (*Levando o copo aos labios e logo arrojando ao chão.*) Esta agua!... Esta agua.

A DUQUEZA, *levantando-se assustada.*

Ah!

PAULA

Agua rosada, senhor : não é o que costumais beber?

O DUQUE, *tomando vivamente as mãos da duqueza.*

Oh! perdão, perdão, duqueza! (*A Paula.*) Ide-vos. (*Paula sahe.*)

SCENA V

O DUQUE, a DUQUEZA

O DUQUE

Contra a minha vontade vos atemorisei; foi um movimento rapido, impetuoso, violento... não tive tempo para o conter.

A DUQUEZA

Fizestes-me bem mal, senhor!

O DUQUE

Bem o vejo. Desastrado que eu sou! Mas vós que tanto tempo ha me conheceis, porque vos não rides dos meus arrebatamentos, das minhas desconfianças, dos meus accessos de colera? Porque vos não rides, senhora?

A DUQUEZA

Não posso.

O DUQUE, *sentando-se.*

Já comprehendeis a razão porque vos não desejo comigo? É porque mais que nunca os meus ataques multiplicam-se, acabrunham-me, perseguem-me, e comtudo já os não devieis temer; não vos devieis atemorizar quando vos não compadeceis de mim.

A DUQUEZA

Oh! senhor!

O DUQUE

Sim, compadecei-vos, porque eu sou mais infeliz que máo. Apenas me levantei do berço, que em vez de meu pai vi um cadafalso por cima da minha cabeça; apenas no exilio, fomos envenenados eu e meu irmão: elle morreu, e eu continuei a arrastar a minha vida sobre a terra. Despojado violentamente de quanto ha no mundo de mais prezioso e caro, continuamente contrariado nas minhas inclinações as mais intimas, as mais santas; ainda hoje! hoje que sou homem, duque, poderoso e respeitado, como dizem, soffro de ter nascido nobre em vez de ter nascido villão, de ser senhor em vez de ser vassallo, de ser livre em vez de ser escravo!

A DUQUEZA

Não digais tal, senhor.

O DUQUE, *pegando-lhe na mão.*

Digo-vos isto, porque é este o meu sentimento; e porque, se assim não fôra, eu não sentiria, mesmo agora, a vossa mão tremer na minha, fria e gelada, como que já não tendes vida.

A DUQUEZA

Foi terror momentaneo; já o não sinto.

O DUQUE

Ouvi. Esta manhã, quando vos eu vi por terra, só-sinha e sem defesa contre o javali que vos ia espedaçar, julguei que vos havia perdido, e por minha culpa; quando vi o Sr. Alcoforado arrojear o seu venabulo, da distancia em que eu estava, e como vos visse cahir, pareceu-me que o ferro vos tinha offendido, e que morrieis delle. Felizmente que nada vos aconteceu, graças á mão certa do mancebo, que tomou a seu cargo desmentir os meus presentimentos. Bem sabeis quanto sou supersticioso! A minha insomnia desta noite, as duas mortes de que escapastes, fazem-me crêr que uma fatalidade sobrevirá hoje á minha familia. Não o duvideis!... Será o terceiro golpe o mais terrivel! a victima não escapará. Quando levei aos labios aquelle copo de agua rosada que a vossa camareira me offerecia, a morte de meu irmão me passou por diante dos olhos como um relampago, e eu me esqueci de mim, de vós, de tudo para só me lembrar do que já soffri com o veneno que me deram. Atemorisei-vos, bem contra a minha vontade.

A DUQUEZA

Mas porque pensais em cousas tão tristes? Porque vos não distrahis?

O DUQUE

Posso eu pensar noutra cousa que nisto não seja?... Posso eu achar prazer senão em afundar-me nos meus pensamentos e em torturar-me a mim mesmo?... Partireis, duqueza; joven, nobre e formosa, não é com um homem como eu que deveis passar a vida. Ireis para a companhia de minha mãe que também é vossa, por ella fostes educada... (*Entra Alcoforado.*) Quem ousa interromper-nos?

SCENA VI

Os MESMOS, ALCOFORADO

ALCOFORADO

Sr. duque...

O DUQUE, *severo.*

O que nos quereis?

ALCOFORADO, *concentrado.*

Serei acaso algum mendigo?

O DUQUE, *mais severo.*

O que nos quereis, senhor?

ALCOFORADO

Inferno! ser assim tratado na presença della!

O DUQUE, *levantando-se.*

Mancebo, não costumamos a repetir as nossas or-

dens. Cabeças mais nobres, presumpções mais bem fundadas que as vossas, nós as temos por mais de uma vez curvado até se nivelarem com o solo. Rompei o silencio, senhor, ou por S. Thiago...

ALCOFORADO

Eu me retiro, Sr. duque...

A DUQUEZA

Duque, não fostes vós quem o mandastes chamar?

O DUQUE

Ah! sim, sim. Que miseravel cabeça que eu tenho! Perdoai, meu joven amigo; outros pensamentos agora nos occupavam, porém o salvador da nossa nobre esposa e senhora será sempre bemvindo, qualquer que seja o logar em que estivermos. Sentai-vos.

ALCAFORADO

Sr. duque, se m'o permittirdes, eu escutarei de pé as vossas determinações.

O DUQUE

Como vos aprouver. A duqueza nossa esposa vos quer agradecer a destreza e coragem com que hoje lhe salvastes a vida. Nós nos retiramos; vinde, porém, ter connosco antes de vos partirdes para a Africa, e onde quer que estiverdes lembrai-vos que tendes um amigo no duque de Bragança e Guimarães. (*Estende-lhe a mão, Alcoforado hesita.*) Tomai-a, Sr. Alcoforado; mais nobre que ella a de el-rei; mais leal nenhuma. (*Alcaforado toma-lhe a mão.*) Adeos. (*Sahe.*)

SCENA VII

A DUQUEZA, ALCOFORADO, PAULA

PAULA, *espreitando da porta.*

Já se foi? (*Andando para o meio da scena.*) Viva Deos!... Está hoje terrível o Sr. duque.

A DUQUEZA, *levantando-se e levando a Paula para um canto da scena.*

Paula, não saías de junto de mim!

PAULA

Porque, senhora?

A DUQUEZA

Não saías. (*Vindo sentar-se.*) Sr. Alcoforado, quando esta manhã vos offerecemes a nossa protecção, de máo grado a acceitastes, e cedo tivestes occasião de nos provar que bem mais util nos seria a nós o vosso braço do que a vós a nossa protecção.

ALCOFORADO

Foi um acaso, Senhora duqueza, não fallemos mais delle.

PAULA

Mas devéras, senhor, que vos portastes com toda a gentileza.

ALCOFORADO, *em voz baixa.*

Paula, quero dever-te um grande favor.

A DUQUEZA

Foi um acaso, é verdade, mas um acaso que nos podia ser funesto se ali felizmente não deparassemos comvosco.

PAULA, *a Alcoforado em voz baixa.*
O que quereis de mim?

ALCOFORADO

Se não fosse eu seria outro; em vez d'aquelle incidente haveria outro qualquer, porque é bem de ver que não podieis morrer assim. (*Em voz baixa a Paula.*) Deixa-nos sós.

PAULA

Oh! sempre é certo que tendes o coração bem generoso e a mão certa e leal como vós sois. (*Em voz baixa.*) Ella pediu-me que a não deixasse; tentarei.

A DUQUEZA

Mas... peza-vos acaso que em o nosso reconhecimento vos devamos alguma cousa?

ALCOFORADO

Oh! não, senhora. Se eu vos devesse a vida haveria por isso de estimal-a em memos? O evento desta manhã foi realmente um acaso, um acaso bem indifferente para vós, bem venturoso para mim.

PAULA

Permittis, Senhora duqueza, que eu me retire por um instante?

ALCOFORADO, *em voz baixa.*

Não voltes!

PAULA, *em voz baixa.*

Deixai-me!

A DUQUEZA, *em voz baixa.*

Louca! e o que te eu disse?

PAULA, em voz baixa.

É só por um instante.

A DUQUEZA

Vai, mas não te esqueças. *(Paula sahe.)*

SCENA VIII

A DUQUEZA, ALCOFORADO

A DUQUEZA, *depois de um momento de silencio.*

Quando hoje tornei a mim do meu desmaio procurei-vos entre as pessoas que me cercavam, não tanto para vos agradecer, como para convencer-me por meus proprios olhos que nenhum mal havieis soffrido por meu respeito.

ALCOFORADO

É certo que entre as pessoas que vos cercavam nenhuma houve que vos podesse dar noticias minhas?

A DUQUEZA

Não me atrevi a perguntal-o.

ALCOFORADO

Ah! não vos atrevestes! De certo, fôra pasmoso que donas como vós inquirissem em publico de pessoas como eu.

A DUQUEZA

Não foi por esse motivo. *(Hesitando.)* Queria saber de vós mesmo se estaveis perfeitamente bom.

ALCOFORADO

Eu vol-o agradeço, senhora. Infelizmente nada soffri.

A DUQUEZA

Infelizmente!

ALCOFORADO

Infelizmente. Se algum desastre me houvesse acontecido, talvez que por um instante vos esquecêsseis da vossa nobreza para derramar um olhar de compaixão sobre o misero, que por vós se houvesse sacrificado: talvez que por um instante vos esquecêsseis da prudencia, essa virtude divina que é o movel das vossas acções, não para verter lagrimas sobre mim, mas ao menos para desatar uma palavra do coração, para soltar um grito que me convencesse de que tambem experimentais o que tão profundamente fazeis sentir.

A DUQUEZA

Não vos comprehendo, senhor!

ALCOFORADO

Mas acreditais o que ainda hoje vos disse; comprehendeis ao menos que eu vos serviria de joelhos toda a minha vida, para que do alto da vossa grandeza deixásseis cahir sobre mim triste e mesquinho uma palavra de commiseração: que eu daria a minha vida por um sorriso vosso, que eu daria a minha cabeça ao carrasco; se me fizesseis um acêno, e se me promettesseis chorar sobre a minha estrella, sobre mim, ainda quando só fosse no silencio da noite, quando nenhuns olhos podessem interrogar os vossos olhos, orvalhado com lagrimas, quando nem uma voz podesse desafiar a vossa voz, embargada pelos soluços? Comprehendeis ao menos isto, Senhora duqueza?

A DUQUEZA

Não, senhor. Que sou eu para vos merecer tão alta dedicação?

ALCOFORADO

Que sois vós! Sei-o eu por ventura? Sois o objecto que me fere continuamente os sentidos, a idéa que tenazmente me occupa a alma, a imagem que veio sentar-se imperiosamente á minha cabeça, e dizer-me: « não terás olhos senão para mim, » a voz que me brada a todo o instante: « não terás ouvidos senão para mim, » o fantasma que me prende, que me enlaça, que me eleva nas azas da esperança, que me abate no abysmo da desesperação, e que me repete sempre e sempre: « morrerás por mim! Tentei resistir a esta idéa, a esta imagem, a este fantasma; não o pude, que mais podia a fascinação do que a minha vontade. Evoquei o amor de familia, as afeições que eu ha pouco sentia ardentemente por meu pai, nobre velho cuja mão descança sobre a minha cabeça como no bordão da sua velhice; por meu irmão, joven esperançoso, que vai no caminho da vida medindo os seus passos sobre os meus passos; por minha irmã, donzella estremosa que se apegou ao meu destino como hera ao muro mal construido, que está prestes a desabar; e as minhas afeições foram mudas, e os meus olhos cegos, e os meus ouvidos surdos... Só essa imagem scintillava na minha vida como uma santa n'uma capella ardente, cercada de thurybulos e envolta em ondas de incenso. Deixei-me arrastar por ella. Cedi; perdi-me.

A DUQUEZA

Eu devia tê-lo adivinhado! (*Resolutamente.*) Estais salvo, senhor; partireis para Africa.

ALCOFORADO, *amargamente.*

Não é essa a vossa vontade?

A DUQUEZA

Partireis, senhor; não escuteis uma palavra, não volteis a cabeça para traz. Parti amanhã, esta noite, agora mesmo, parti!... Embrenhai-vos pelos esquadões dos inimigos sem temor da morte, que ella respeita os valentes; e quando vos tornardes do vosso delirio, a santa, que ha de scintillar no meio das vossas esperanças, não será a imagem de uma mulher; será a gloria, e estareis salvo.

ALCOFORADO

Partirei, Senhora duqueza; mas juro-vos que me não hei de esquecer. Terei eu tempo para isso? A minha vida pende de um fio, não sei qual: sei que ha de romper-se, e que não tardará muito!

A DUQUEZA

Longe os máos agouros, Sr. Alcoforado; partireis cheio de vida, e voltareis carregado de louros.

ALCOFORADO

Que farei delles? A minha imagem, dizeis vós, se terá apagado como um sonho ou como o fumo nos ares; meu pai terá desaparecido da face da terra, que os seus dias já não podem ser muitos; meus irmãos!... sei eu porventura o que será delles durante a minha peregrinação?

A DUQUEZA

Pensareis então diversamente, Sr. Alcoforado. Eu

porém, vos não quero demorar ; deveis partir precipitadamente se quereis partir.

ALCOFORADO

Partirei amanhã, Senhora duqueza.

A DUQUEZA

Talvez seja tarde !

ALCOFORADO

Com bem ancia me quereis longe de vós, senhora !

A DUQUEZA

Ouvi. Disse-me o Sr. duque vos promettesse o que me aprouvesse, que elle guardaria a minha palavra. O que quereis vós?

ALCOFORADO

Nada, Senhora duqueza.

A DUQUEZA

Nada ! reflecti bem. O vosso arrependimento seria ardido, ou a demora vos poderia prejudicar. Que posto quereis no exercito?

ALCOFORADO

Nada, nada quero, e comtudo... Senhora duqueza, poderia eu pedir-vos mercê mais especial?

A DUQUEZA

Fallai.

ALCOFORADO

Julgais na vossa consciencia que me deveis um serviço, não é assim?

A DUQUEZA

A vida, Sr. Alcoforado ; e somos bem feliz em o poder confessar altamente.

ALCOFORADO

Pois bem, um serviço feito a vós, sois vós quem o deveis galardoar, não é verdade? E de feito, que tenho eu com o Sr. duque?

A DUQUEZA

Conclui, senhor.

ALCOFORADO

Dizei mais. O homem que arriscou a sua vida só por amor de vos salvar, e que não esperou pelo vosso agradecimento, nem sequer por uma palavra vossa, que todavia elle quizera escutar, mesmo a troco de seu sangue, julgais que seja capaz de vos faltar com o acatamento que vos é devido?

A DUQUEZA

Não o crêmos ; mas...

ALCOFORADO

Ainda uma palavra. E se não julgais que elle vos possa faltar ao decóro, podereis julgar que elle queira abusar da vossa gratidão ou arriscar a vossa honra?

A DUQUEZA

Em a nossa consciencia, Sr. Alcoforado, que vos temos por um mancebo lhano e cortez, incapaz de faltar com o respeito ás donas, de as offender por gestos ou acções, ou de sacrificar a sua honra a um capricho irreflectido. Conclui. Que vos podemos nós fazer que seja recompensa de favor tamanho?

ALCOFORADO

É uma entrevista que vos peço.

A DUQUEZA

Uma entrevista !

ALCOFORADO

Sim : uma hora, um instante em que eu vos possa, sem testemunha e sem temor de ser escutado, dizer-vos tudo quanto sinto, tudo quanto soffro, e partirei, esperançoso senão feliz, resignado senão contente. Será a ultima vez que nos veremos, Senhora duqueza, a ultima, e não mais ouvireis fallar de mim !

A DUQUEZA

E não estamos a sós?

ALCOFORADO

Mas posso ser interrompido de momento a momento ; e que o não podesse ! Quando o homem soffre como eu soffro, é-lhe preciso morder com força os labios entre os dentes para não emittir um som... e ai delle ! se deixa escapar um gemido, porque depois dos gemidos virão os gritos, e depois dos gritos a desesperação!... Concedei-me a entrevista, senhora duqueza ; não ouvireis da minha bôca uma só palavra que vos faça córar, nem um só gesto que vos possa offender ; eu vol-o juro ; é só para que vejais as lagrimas que eu tenho, as dôres que eu padeço, e para que vos compadeçais de mim!... Oh ! senhora, é de joelhos!...

A DUQUEZA

Levantai-vos, levantai-vos... Esta manhã quasi que vos sorprendieram a meus pés. Meu Deos! que terror que eu tenho!

ALCOFORADO

Vêde !... dizeis que estamos a sós, e toda vos atemorisaes por cahir eu a vossos pés.

A DUQUEZA

Não seria isso imprudencia ?

ALCOFORADO

Muito prudentesois vós, Senhora duqueza ! Quando o meu sangue corresse em ondas sobre o soalho da vossa habitação, fôra prudencia, e até delicadeza, mandar limpá-lo bem depressa para que os vossos pés se não manchassem nelle.

A DUQUEZA

Sois injusto !

ALCOFORADO, *despeitoso.*

Serei, senhora.

A DUQUEZA

Não percebeis vós que a prudencia é para mim um dever ?

ALCOFORADO

E tambem para o homem ; contudo, se eu só houvesse consultado a prudencia, não teria ha pouco arremessado o meu venabulo, porque em vez de vos salvar poderia errar o tiro e atravessar-vos com elle ; se eu houvesse consultado a prudencia, não me teria interposto entre vós e o javali, porque o javali poderia espedaçar-me ; se eu houvesse consultado a prudencia... oh ! não me teria em corpo e alma dedicado a uma pessoa de alta nobreza, que eu sei que não tem amor senão aos seus titulos, que não tem olhos senão para as suas louçanias.

A DUQUEZA

Insensato ! julgais que é o medo que me faz prudente, e que é por attenção a mesquinhez que vos não estendo a mão caroavel e bemfazeja quando vejo que soffreis e que careceis de mim !... Já pouco prudente tenho eu sido mostrando-vos por vezes que me não sois inteiramente indifferente... bem pouco prudente, Sr. Alcoforado ! porque um volver de olhos, um signal mais expressivo, uma protecção decidida da minha parte vos abriria a sepultura mais depressa do que o podeis imaginar. D. Jayme é cioso; o seu orgulho tem olhos de lynce, a sua colera é terrivel, e a sua vingança é estrepitosa como o trovão, e fulminante como o raio. Se a menor suspeita lhe atravessasse o espirito... farieis bem em cahir de joelhos e pedir a Deos perdão das vossas culpas.

ALCOFORADO

Tempo foi na minha infancia em que, acordando pelo meio da noite, sentia verdadeiro terror quando escutava no silencio das trevas o estridulo de alguma ave nocturna ; hoje, porém, os seus pios agoureiros rebentam-me por baixo dos pés, e eu vos confesso que os escuto sem sobresalto nem terror.

A DUQUEZA

Dizem comtudo que ha ás vezes nesse canto um annuncio de morte.

ALCOFORADO

Seja embora ; porém a morte não aterra senão a quem não esta affeito a lidar com os seus terrores : eu desde a infancia que os experimento.

A DUQUEZA

Então, senhor, apezar de tudo...

ALCOFORADO

Eu vol-o supplico !

A DUQUEZA

Vereis que não sou medrosa. Paula vos transmitirá o que eu houver determinado ; porém lembrai-vos..., lembrai-vos que á vossa honra me confio, e que eu me escudarei com a vossa protecção. (*Vai-se.*)

SCENA IX

ALCOFORADO, só.

Confia na tua innocencia e na palavra de um homem honrado, que daria a sua vida para te poupar um desgosto.

ACTO II

ACTO II

QUADRO III

A scena representa uma sala modesta em casa do velho Alcoforado.

SCENA I

MANOEL, ALCOFORADO

MANOEL, *sentado.*

Eis a terceira vez que te faço a mesma pergunta e, ainda me não respondeste.

ALCOFORADO

Ah ! fallavas comigo ?

MANOEL

Pois com quem havia eu de fallar ? Pergunto-te o que tens.

ALCOFORADO

Nada tenho, irmão ; estou um pouco preocupado.

MANOEL

Bella resposta !... isso vejo eu. Com o que ? é o que te eu pergunto.

ALCOFORADO

Com a minha partida. Não sei como terei forças para me separar de tantas affeições que deixo atrás de mim, e que talvez não tornarei a encontrar.

MANOEL

Não te dê isso cuidado. Nós somos novos, tu, eu e nossa irmã; nosso pai é que é um pouco velho, porém ainda robusto, e espero em Deos que nos enterará a todos um por um.

ALCOFORADO

E' crês que para o homem morrer careça de ser velho?

MANOEL

Se não é, parece. O que eu sei é que em teu lugar estaria bem contente por ir tão novo ganhar as minhas esporas... Sabes tu um receio que eu tenho?

ALCOFORADO

Qual?

MANOEL

O de não ter forças quando fôr homem para usar d'aquellas longas espadas de que usam os cavalleiros d'el-rei. Não o digas a ninguem, menos ainda a Laura, que senão a travêssa me não deixará descançar.

ALCOFORADO, *distrahido*.

Terrível presentimento!

MANOEL

Ahi o temos outra vez.

ALCOFORADO

Quem poderá aventar o segredo desta entrevista?

Ninguem o ouviu, ninguem o sabe; só Rozeimo que me trouxe a missiva de Paula. Rozeimo é fiel: que posso eu temer?

MANOEL

Já me estou impacientando.

ALCOFORADO

A noite vai escura e feia!

MANOEL

Ainda mais feia te ha de parecer.

ALCOFORADO, *vivamente*.

Que dizes?

MANOEL

Quando os dobres começarem...

ALCOFORADO

Que dobres? que dizes tu?

MANOEL

De que te espantas?... Não é amanhã o dia de finados?

ALCOFORADO

Tens razão (*Pensativo*.) Ainda outro máo agouro! (*Momento de silencio*.) Irmão, és tu corajoso?

MANOEL

Homem, eu creio que sim; porém com certeza que tens muito mais coragem do que eu, que tambem para isso és o mais velho.

ALCOFORADO

Se pois me acontecesse algum desastre?

MANOEL

Onde? lá na Africa!

ALCOFORADO

Se aqui, se hoje, por exemplo, me acontecesse algum desastre, não terias tu a coragem de esconder as tuas lagrimas para não affligir com ellas o nosso bom pai ?

MANOEL

Estás hoje sombrio, irmão!

ALCOFORADO

Pois não terias tu coragem para isto?... Não acompanharias o nosso velho pai até á sepultura, não ampararias com desvelos e sollicitudes a nossa boa irmã, que tanto precisa da protecção de nós todos?... Não serias bom filho e bom irmão, a ponto de que ambos se esquecessem de que eu tinha existido ?

MANOEL

Posso-o eu porventura?... Nosso pai é robusto; porém quem sabe quanto o abateria a dôr de te haver perdido, a ti sobre quem elle esteia a sua velhice?... Nossa irmã Laura, joven e formosa que te ama sobre tudo, porque és o nosso irmão mais velho, sentiria profundamente perder-te; quem sabe o que seria della?... Eu mesmo, terei coragem por ventura quando me faltares ou quando te houver perdido para sempre ?

ALCOFORADO

Assim pois, um desastre que me sobreviesse os abalaria a todos, e talvez algum cahisse sobre o meu sepulchro.

MANOEL

Meu Deos! que pensamentos são esses?... Estás bom, partirás amanhã, e fallas em morrer hoje?

ALCOFORADO

Como estas horas se arrastam vagarosas!... (*Chegando-se á janella.*) O céu está coberto de nuvens; a noite vai escura e medonha.

MANOEL

Felizmente que estamos em casa, porque talvez tenhamos alguma tempestade.

ALCOFORADO

Não no céu; na terra, talvez.

MANOEL

Estás-me causando medo.

ALCOFORADO

Irmão, se meu pai se demorar, partirei sem vê-lo; tu lhe pedirás a sua benção por mim, que por ventura carecerei della.

MANOEL

Váis sahir?

ALCOFORADO

Sim, a uma devoção.

MANOEL

Ah! vejamos!... Gibão de fustão prateado, collar e pontas de velludo rôxo, calças vermelhas, cinta de couro preto com guarnição de prata, borzeguins... não, não são esses os vestidos de quem vai á noite lançar-se aos pés do altar. Enganas-me. Antonio : é outra a tua devoção.

ALCOFORADO

Será : mas não me interrogues, que nada te poderei dizer.

MANOEL

Attende : a noite vai escura, bem o viste : alguma cilada te podem armar. Leva contigo o nosso velho criado.

ALCOFORADO

Não ; elle póde demorar-se.

MANOEL

Se elle se demorar, sahirei contigo.

ALCOFORADO

Não : é um segredo que não debes saber.

MANOEL

Leva ao menos a tua espada.

ALCOFORADO

Não a levarei.

MANOEL

A minha espada é fiel, o sangue ainda a não enferrujou ; a sua folha ainda me não trahiu. A tua espada ou a minha... escolhe.

ALCOFORADO

Não levarei a tua espada, não levarei a minha.

MANOEL

É favor que te peço : quero que a minha espada te acompanhe uma noite, a derradeira que passarás conosco ; será essa a lembrança que me deixarás por despedida. Tu a levarás.

ALCOFORADO

E t'a restituirei tão pura como sahir das tuas mãos, vai por ella.

MANOEL

Então espera-me !

ALCOFORADO

Esperarei (*Manoel sahe.*)

SCENA II

ALCOFORADO, só, *sentando-se.*

Hoje emfim eu a verei sósinha ! Talvez que ella por um instante se dispa dos seus preconceitos de orgulho e de nobreza para ouvir as palavras singelas do mancebo que a tão alto ousou elevar o seu pensamento ; talvez que ella emfim se compadeça dos meus soffrimentos, soffrimentos terriveis que eu tenho supportado sem murmurações, sem lagrimas. As murmurações poderiam despertar algum echo, e as lagrimas trahirme !... Dir-lhe-hei tudo, e depois que me assassinem, que me assassinem aos pés della, se o quizerem, que eu a bemdirei morrendo. (*Torna-se pensativo.*)

SCENA III

ALCOFORADO, O VELHO ALCOFORADO

O VELHO ALCOFORADO

Antonio !

ALCOFORADO, *levantando-se.*

Meu pai ! (*Beija-lhe a mão.*)

O VELHO ALCOFORADO

Em que pensaveis, filho ?

ALCOFORADO

Em vós, meu pai, em os meus irmãos, nas pessoas que me estimam, n'aquelles que eu amo, nesta casa em que nasci, emfim, em tudo que vou deixar, e que talvez não encontre, mesmo se a morte me não colher por lá.

O VELHO ALCOFORADO

Se por lá morrerdes, meu filho, eu soffrerei tanto como quando vossa mãe nos deixou sósinhos na vida para ir gozar a bemaventurança dos céos. No emtanto, eu vol-o digo, estimarei mais a morte do meu filho que morrer pela sua patria, do que a vida tranquilla do homem que vive sem nome, e que morrerá sem gloria. Grande são os vossos deveres, Antonio, que tambem para isso sois nobre.

ALCOFORADO

Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO

Sim, mancebo; sois nobre, nobre com a nobreza aqui da terra, e nobre com a nobreza d'alma que é a melhorde todas, porque directamente nos vem do Senhor. Comprazo-me em pensar que sereis sempre digno do vosso nome, e que os vossos feitos terão sempre o cunho da acção que hoje praticastes — ardimiento e dedicação.

ALCOFORADO

Não fallemos nisso, senhor.

O VELHO ALCOFORADO

Pois em que havemos nós de fallar? Quando errais,

eu vos digo bem severamente que errais e que nisso fazeis mal; porém quando praticardes bem, tambem vos direi com a sinceridade de um amigo e com a complacencia de um pai que vos portastes bem, e que vos estimo pelo bem que praticastes; nem quero que com isto vos vanglorieis, que vos não gabo a vós quando aprecio uma virtude. Antonio, é bem, doce ao velho, que lentamente caminha para a sepultura, parar de vez em quando para derramar os olhos obscurecidos sobre o caminho que elle decorreu na vida, e ver seus filhos que promettem honrar o seu nome e consolar a sua velhice. Sim, meu filho, eu vos digo que quando hoje arriscastes impavidamente a vossa vida para salvar a esposa do vosso protector, fizestes como faria o vosso velho pai quando elle tinha a vossa idade, e sentia o sangue que lhe girava nas veias (*Momento de silencio.*) Que vos disse o Sr. duque?

ALCOFORADO

Escreveu algumas cartas para os fronteiros d'Africa e capitães do exercito do ultramar.

O VELHO ALCOFORADO

Agradecestes: não foi assim?

ALCOFORADO

Sim, meu pai. Rendi-lhe acções de graças, tanto pelas que elle teve a bondade de escrever, como pela que eu me atrevi a acceitar.

O VELHO ALCOFORADO

Como! pois recusastes alguma?

ALCOFORADO

Todas, menos a que em meu nome pedia um posto

arriscado e perigoso, que só podesse ser confiado á lealdade de um homem valente e resultado.

O VELHO ALCOFORADO

Fizestes bem e... talvez fizestes mal. Eu amo a juventude ardida e corajosa que só põe a sua confiança em Deos e na sua espada ; mas a juventude é inexperiente ; e ella não sabe que neste mundo nada se faz sem protecção : era este o ditado de nossos avós, que tambem será o dos nossos netos. Que fareis vós sem ella, encontrando a cada passo estorvo e difficuldades ? Ella nos é precisa ; não para que sobremaneira se exaltem os nossos serviços, mas para que elles sejam devidamente avaliados. É para o que serve aquella protecção que é impetrada sem baixeza e nobremente concedida. No emtanto não vos reprehenderei : fizestes bem.

SCENA IV

OS MESMOS, LAURA.

LAURA

Emfim, eis-me aqui !

O VELHO ALCOFORADO

Boa noite, Laura.

LAURA

A vossa benção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO

Deos te abençõe, filha. Pois sahiste a deshoras só-sinha ?

LAURA

Levei comigo a velha Martha, e o nosso velho criado nos acompanhava.

O VELHO ALCOFORADO

E onde foste ?

LAURA

Primeiro á sepultura de minha mãe !

O VELHO ALCOFORADO

Boa filha ! não te esqueceste que amanhã é o dia de finados ! E depois ?

LAURA

Fui visitar as minhas amigas para lhes dizer que o nosso Antonio se partia amanhã. Talvez me demoras-se mais tempo ; mas como pensei que estaveis cá sem mim, voltei mais que depressa para a vossa companhia.

O VELHO ALCOFORADO

E Deos sabe quão pesada me seria a velhice sem ti, minha Laura ! Os meus ouvidos já se fizeram a ouvir a tua voz affectuosa e os meus olhos descansam com prazer sobre o teu rosto. És boa filha, Laura.

LAURA

Sois vós que sois bom pai !

O VELHO ALCOFORADO

E porque não bom amigo ?

LAURA

Oh ! e um amigo bem indulgente... Não dizes nada, Antonio ?

ALCOFORADO

Que te direi eu, minha irmã ?

LAURA

Não ouvís que pergunta é aquella, meu pai ? O que me dirás tu ? Que tens muita pena de nos deixar, e que voltarás bem depressa para a nossa companhia.

ALCOFORADO

Boa irmã ! sentirás muitas saudades minhas ?

LAURA

Muitas. (*Mais baixo.*) Antonio, não sejas temerario ; não morras por lá !

ALCOFORADO

Terias muito pesar ?

LAURA

Talvez te não sobrevivesse.

O VELHO ALCOFORADO, *severo.*

Laura !

LAURA, *ajoelhando-se.*

Perdão !

O VELHO ALCOFORADO

Só o pobre velho é que não precisa de nenhum dos seus filhos bem amados que lhe cerre os olhos na sua hora derradeira !

LAURA

Perdão, meu pai ! Vós sois forte e prudente, e não soffrereis com a morte de dois dos vossos filhos que se esquecerem de vós para só cuidar de si.

O VELHO ALCOFORADO

Ingrata ! de que me servirá a minha prudencia contra o esquecimento de meus filhos ?... De que me servirá a minha força quando não fôrdes todos em redor

de mim, vós que fortaleceis a minha velhice e que sois a minha só consolação ?... Porém de que me queixo eu ?... O bom filho é aquelle que trata a seu pai com respeito ; que o não ame, pouco importa.

ALCOFORADO

Sois injusto, meu pai !

O VELHO ALCOFORADO

Tendes razão, Antonio ; eu me esquecia de vós. Seja Deos louvado, que ainda tenho um filho !

LAURA

Meu pai, olhai para as minhas lagrimas, e vêde se ellas não merecem compaixão.

O VELHO ALCOFORADO

Eis-me tambem a chorar como uma criança. Levanta-te, filha : o pobre velho tresvariou com as vossas palavras loucas e fui injusto para contigo. Tu és uma boa filha e amas bem a teu pai !

LAURA

De todo o meu coração.

O VELHO ALCOFORADO

E em todo tempo te has de lembrar que elle precisa da tua vida nos poucos dias que lhe restam para vegetar sobre a terra. Não é assim ?

LAURA

Sim, bom pai.

O VELHO ALCOFORADO

Deos foi misericordioso para comigo ! Lédo e tranquillo, são de corpo e de espirito, vou caminhando para a eternidade acalentado pela voz de meus filhos.

O prazer que desfructo é precursor da vida celeste, e a minha velhice é a aurora da bemaventurança. Louvado seja o Senhor !

SCENA V

Os MESMOS, MANOEL

MANOEL

Eis a espada, meu irmão. Boas noites, Laura.

LAURA

Boas noites, irmão.

MANOEL

A vossa benção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO

Deos vos abençõe. Trocastes a vossa espada ?

MANOEL

Não, meu pai, empresto-a.

O VELHO ALCOFORADO

Como! pois ides sahir, Antonio ?

ALCOFORADO

Sim, meu pai : estava só á espera da vossa benção e da vossa permissão.

O VELHO ALCOFORADO

Ides...

ALCOFORADO, *hesitando*

Vou...

O VELHO ALCOFORADO

Concebo a vossa hesitação. Como é amanhã o dia de

finados, ides orar pelos mortos, como é de um bom christão.

ALCOFORADO

Não, Senhor.

O VELHO ALCOFORADO

Não !... Ah ! sim !... Como sois bom filho, ides talvez antes de vos partirdes, orar sobre a sepultura de vossa mãe.

ALCOFORADO

Não, senhor !

O VELHO ALCOFORADO

Não !... Ah ! bem. Como sois bom amigo, ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

ALCOFORADO

Não, senhor.

O VELHO ALCOFORADO

Não ! então a que sahis ?

ALCOFORADO

Não me interrogueis, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO, *com desconfiança.*

Ides sósinho ?

ALCOFORADO

Sósinho.

O VELHO ALCOFORADO

E não quereis levar o nosso criado na vossa companhia ?

ALCOFORADO

Não o posso levar.

O VELHO ALCOFORADO

Pois eu vos digo que não sahireis sem que me digais primeiro o que vos obriga a sahir.

ALCOFORADO

Peço-vos que me não interrogueis, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO, *levantando-se.*

Que vos não interrogue !... Pretendeis sahir a des-horas e sem testemunhas, de espada e com os vestidos concertados, e não quereis que vos interrogue !... Onde ides vós, senhor ?

ALCOFORADO

Eu vol-o supplico.

O VELHO ALCOFORADO

Oh ! isto merece uma explicação. Retirai-vos.

SCENA VI

O VELHO ALCOFORADO, ALCOFORADO

O VELHO ALCOFORADO

Vêde a que me obrigam os vossos mysterios, que oxalá não sejam escandalosos !... Fazeis que um pai expulse seus filhos da sua presença, porque elle terá talvez de vos dizer algumas dessas rigidas verdades que por elles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo ?

ALCOFORADO

Senhor, não o posso dizer.

O VELHO ALCOFORADO

Vós não ides cumprir com os deveres de amigo,

nem de filho, nem de christão ; ao que ides pois ? Passar talvez a noite em algum lupanar, ou sobre a banca do jogo, ou em orgias de homens intemperantes e envilecidos, ou escalar algum muro como ladrão nocturno para roubar a honra de alguma familia honesta, ou bater surrateiramente á alguma porta humilde para pagar a recepção cordial que durante o dia vos fez algum homem honrado e franco com a traição de um libertino. É infame.

ALCOFORADO

Meu pai !

O VELHO ALCOFORADO

Dizei, senhor, dizei na vossa consciencia que não ides praticar alguma acção criminosa.

ALCOFORADO

Em consciencia não o sei.

O VELHO ALCOFORADO

Sei-o eu, senhor !... Sei que o homem que marcha tredo e cautellosamente apalpando as trevas, e que não ousa confessar altamente as suas acções, muito se assemelha áquella ave de máo agouro, cujos olhos não podem supportar a luz do dia, cujo canto é um annuncio de desventura ; sei que tão grande mysterio póde encobrir uma virtude muito preclara, ou um vicio muito vergonhoso. Dizei que ides praticar uma dessas virtudes cobertas com o precioso manto da modestia, diaphano para Deos, impenetravel para os homens.

ALCOFORADO

Nunca vos menti, senhor.

O VELHO ALCOFORADO

E se o houvesseis feito, a Providencia Divina que vos guiasse no caminho da vida, porque terieis morrido para mim. Talvez me julgeis severo por me crêdes pouco sensível, ou por suppôdes talvez que o tempo, que gelou o sangue nas minhas veias, já me fez esquecer da quadra em que fui da vossa idade, em que tambem fui novo e cheio de esperanças na vida, e em que tambem dizia comigo o que agora lá vós estais dizendo comvosco: — além n'aquelle marco deixarei este caminho e tomarei outra vereda. Não; sou indulgente e pouco severo a ponto de vos confessar que tambem fui novo, e que alguns erros commetti quando tinha a vossa idade. Pois quem é perfeito neste mundo? — Mas eu vos asseguro que a minha vida escripta, comquanto em parte me pezasse della, não me traria um só remorso, nem me desconceituaria a minha velhice: asseguro-vos ainda que, em vespas de um dia duas vezes sanctificado pela religião e pelo sentimento, nunca abandonei eu o tecto de meus pais, como homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar ás caricias de uma creatura sem pejo. Ha limites em tudo, mancebo.

ALCOFORADO

Senhor, porque me suppondes capaz de tão negro feito, ou porque vos mereço tal conceito? Acaso me tenho eu mostrado revel aos vossos conselhos, ou terei desaprendido as vossas lições? Não, senhor: se não vou praticar uma virtude, tambem não é o vicio nem o crime quem lá fóra me está chamando. Não é criminosa a acção que vou praticar; juro-vos...

O VELHO ALCOFORADO

Jurai, senhor, jurai! No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer comsigo, tinha o juramento por uma cousa veneranda e sagrada, e usava delle apenas nas circumstancias de momento. Era o vassallo que jurava lealdade a seu rei; era o cidadão que jurava amor á sua patria; era o guerreiro que jurava morrer com o seu companheiro d'armas. Por isto o juramento era entre elles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebral-o. Hoje, porém, fizeram delle uma formula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuciar essa palavra vazia de sentido, que noutro tempo foi symbolo de fé e era condão de prodigios.

ALCOFORADO

Como vos poderei eu confiar um segredo que me não pertence? Ha bem tempo que vól-o teria dito, se elle fosse todo meu, e se a minha confissão a ninguem mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pai, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossivel trahirdes um segredo: mas devo eu trahil-o primeiro? Aconselhai-me, vós que tendes experiencia da vida: dizei-m'ó, vós que sois meu mestre; posso eu fazêl-o?

O VELHO ALCOFORADO

O segredo é inviolavel; tendes razão.

ALCOFORADO

Deixai-me então sahir, bom pai. Oh! se soubesseis quanto soffro por vos não poder confiar tudo!... Sêde

indulgente mais uma vez, talvez a derradeira. Esta demora me tem martyrisado; largos annos tenho vivido nestes curtos instantes! Dexai-me partir.

O VELHO ALCOFORADO

E não ha perigo?

ALCOFORADO

Nenhum, nenhum! eu vol-o asseguro.

O VELHO ALCOFORADO

E aquella espada?

ALCOFORADO

Foi um capricho de meu irmão que não sabe a que vou. Dir-lhe-hia um segredo que vos não digo a vós? Bem vêdes que nada arrisco: deixarei a espada, e é até melhor que eu vá desarmado.

O VELHO ALCOFORADO

Levarás a espada!

ALCOFORADO

Bom pai, quanto vos agradeço!

O VELHO ALCOFORADO

Vai, e Deos seja contigo.

ALCOFORADO

Irei e voltarei bem depressa. (*Cingindo a espada.*) O mais depressa que eu puder. Vereis que nada me acontece. Meu Deos! como partiria eu tão alegre, se de alguma cousa me arreceiasse!

O VELHO ALCOFORADO

Vai, meu filho.

ALCOFORADO

Nada receeis. Adeos, bom pai. (*Vai-se.*)

O VELHO ALCOFORADO, ficando pensativo: alguns dobres ao longe!

Meu filho! meu filho!... (*Vai-se.*)

SCENA VII

Uma camara no palacio do duque.

O DUQUE, entrando desalinhado e com os cabellos em desordem.

O javali esteve a despedaçal-a... o venabulo roçou-lhe o rosto... e eu vejo ainda o cadafalso de meu pai!... Crime ou fatalidade, um delles me está imminente; mas qual? Isto não é superstição, é um presagio, uma intuição do futuro. Vejo o relampago, o raio não tardará a cahir... mas sobre quem?... Porque?... não o sei, mas é inevitavel!... Oh! venha embora o azar maldicto, que não será peor que esta anxiedade!...

SCENA VIII

O DUQUE, FERNÃO

FERNÃO, da porta com uma carta.

Sr. duque!

O DUQUE

Entraí, Fernão (*Senta-se.*)

FERNÃO

Senhor, que tendes vós?

O DUQUE

Nada: dai cá. (*Lê a carta e atira-a sobre a mesa.*) El-rei nos concede os dizimos do pescado em Lis-

boa e não sei em que outras terras : para que as quero eu ?

FERNÃO

É uma indemnização do que tão desgraçadamente soffreu o senhor vosso pai, e do que vós mesmo haveis soffrido na vossa fazenda.

O DUQUE

Velho, não assististes a meu pai no seu derradeiro instante ?

FERNÃO

Fui eu, senhor : não vos contei já essa historia ?

O DUQUE

Sim ; eu, porém, gosto de me recordar dessa desgraça para adormecer a minha dôr com o excesso do soffrimento. Meu pai, moço, nobre, leal e valente, foi decapitado e exposto no cadafalso como se fosse um miseravel ! Fernão, conheceis alguém mais desditoso ?

FERNÃO

Vós, senhor.

O DUQUE

Eu ! que sabeis vós ?

FERNÃO

Senhor, eu vos hei servido leal e fielmente. Quando vosso pai ouviu a sua sentença, tomou-me á parte e me fez jurar que eu vos salvaria a custo da minha propria vida. Quando acabaram de commetter aquella sanguinolenta injustiça, fui buscar-vos, e com vosso irmão fugimos, e caminhámos noite e dia. Foi sómente quando pizámos a terra hospitaleira de Hespanha que eu tive lagrimas para chorar, e algumas palavras para vos dizer.

O DUQUE

Sois fiel, Fernão.

FERNÃO

Depois disso eu vos tenho sempre acompanhado no desterro como na opulencia, e nunca vos pedi premio, nem sequer minguado, não de serviços relevantes, mas dos longos annos que vos hei servido.

O DUQUE

Sois fiel e desinteressado, Fernão, mais amigo do que servo. Mas o que quereis com isso ?

FERNÃO

Assim pois, senhor, se me escapar algumas palavras incompatíveis com o respeito que vos é devido, vós desculpareis a franqueza do velho, que vos respeita como a seu senhor, e... perdoai-lhe, que vos ama como a seu filho !

O DUQUE

Fallai ! fallai !

FERNÃO

Eu vol-o direi de joelhos para que perdôeis o arrojo do vosso servo. Senhor, não é bem desgraçado o nobre trahido na sua honra ?

O DUQUE

Vossas palavras são profundas e contadas, vós sois prudente e cauteloso : eu vos escuto !

FERNÃO

Senhor, não confiastes a alguém a vossa honra ?

O DUQUE

A ninguém. Somos o primeiro a velar sobre ella, e não a fiamos de ninguém.

FERNÃO

Senhor, não a confiastes a alguém?

O DUQUE

A ninguém!... Ah! (*Levanta-se, batendo com a mão na testa e agarrando no braço de Fernão.*) Que sabes tu da duqueza?

FERNÃO

Sêde prudente, senhor, eu vol-o supplico.

O DUQUE

Falla!

FERNÃO

Não vos arrebateis, senhor; ouvi-me primeiro!

O DUQUE

Falla!

FERNÃO

Oh! que bem me arreceiava eu de vos confiar este segredo!

O DUQUE

Falla, carrasco!

FERNÃO

Eu vol-o direi. O pagem que esta manhã foi annunciar a vossa visita á Sra. duqueza, encontrou Alcoforado a seus pés.

O DUQUE

Outra prova!

FERNÃO

O vosso rosto me atemorisa!

O DUQUE

Continúa!

FERNÃO

O Sr. Alcoforado traz no barrete um laço da fita que a Senhora duqueza costumava trazer ao collo.

O DUQUE

Eu a vi! fui eu quem lh'a dei. (*Ouve-se o dobre ao longe.*) Abre aquellas janellas.

FERNÃO

Senhor, a noite vai fria.

O DUQUE

Abre-as; gósto d'aquelles sons. (*Fernão vai abrir as janellas.*) E eu o elogiei diante della! muitas vezes o chamei á sua presença! e ainda hoje!... Que sabes mais?

FERNÃO

Rozeimo, o pagem da Senhora duqueza, levou-lhe hoje uma carta.

O DUQUE

Morte e sangue!

FERNÃO

Senhor! senhor, sêde corajoso; não vos deixeis arrebatado pela vossa colera, pesai a vossa justiça. A carta era de Paula!

O DUQUE

Algoz, e que me importa Paula?

FERNÃO

O pagem assim o julgou, e abriu-a indiscretamente. Dizia a carta que á meia noite uma corda estaria pendente do balcão da senhora duqueza.

O DUQUE

Estupido! estúpido! estúpido!

FERNÃO

Senhor ! senhor !

O DUQUE

Julguei-o leal, porque era novo; julguei-o generoso, porque o vi arriscar a vida, e não conjecturei logo que se não arrisca a vida por generosidade !... Chama esse pagem !... Não... não... *(Com voz rouca.)* Seria divulgar a minha vergonha !

FERNÃO

Senhor, as minhas palavras não são evangelho; póde ser que me illudissem : moderai-vos !

O DUQUE

Nasceste em minha casa, acompanhaste a meu pai na sua ultima hora, acompanhaste-me no meu desterro, e encaneceste no meu serviço; pois juro-te que, se esta noite o infame não fôr encontrado neste palacio, morrerás como um cão !

FERNÃO

Elle virá, senhor.

O DUQUE

Virá !... Tu me insultas, velho !

FERNÃO

Perdão ! perdão !

O DUQUE

O cobarde ! o cobarde !

FERNÃO

Vós empallideceis, senhor; as vossas mãos estão frias !...

O DUQUE

Não te importes. Escuta. Eu posso morrer antes da meia noite...

FERNÃO

Não digais tal, senhor.

O DUQUE

Escuta. Encobre a minha morte, distribue gente armada pelo parque; deixem-no entrar : entrado elle, toma as saídas; tomadas ellas vai ao quarto da duqueza, arromba as portas, assassina-os, assassina-os !

FERNÃO

Senhor, eu vol-o peço de joelhos : não me obrigueis a commetter um crime no fim da minha velhice.

O DUQUE

É justiça; jura que o farás.

FERNÃO

Senhor, é justiça tomada por vós, mas não tomada por mim !

O DUQUE

Jura, ou eu te apunhalo !

FERNÃO

Eu o juro !

O DUQUE

Vai. *(Fernão sahe.)*

SCENA IX

O DUQUE, só.

Eu estava suffocado ! *(Corre a um armario, tira algumas armas que arroja sobre a mesa.)* Sangue !... sangue !... sangue ! *(Cahe.)*

ACTO III

ACTO III

QUADRO IV

A scena representa a camara da Duqueza : um leito de cortinados, cadeira e mesa.

SCENA I

PAULA, só, entrando com uma luz.

Ainda não veio!... Com effeito, para um namorado é ser bem esquecido. Ah! se fosse comigo, eu lhe cantaria uma ladainha bem comprida para o ensinar a ser descortez com senhoras. (*Chegando-se á janella.*) Como está escura á noite. (*Recuando.*) Jesus Senhor!... parece-me que vi lampejo de armas por entre as folhas do bosque. (*Observando de novo.*) Já nada vejo!... foi illusão. (*Fecha a janella.*)

SCENA II

A DUQUEZA, PAULA

A DUQUEZA

Ainda não veio?

PAULA

Não, Senhora duqueza; e todavia é quasi meia noite!

A DUQUEZA

Está bem. Vê se todos descansam no palacio.

PAULA

Nada mais quereis de mim?

A DUQUEZA

Nada mais. (*Paula sahe.*)

SCENA III

A DUQUEZA, só, *sentando-se.*

Alcoforado tem alma de fogo; porém é respeitoso e comedido! Pobre moço!... quiz dizer-me adeos sem que nos vissem, e partirá feliz com a idéa de que por elle me interesse. Podia eu fazer menos em favor de quem tão generosamente me salvou a vida?... Não... mas talvez fui imprudente.

SCENA IV

A DUQUEZA, ALCOFORADO, *saltando pela janella.*A DUQUEZA, *assustada.*

Ah!

ALCOFORADO, *fechando a janella.*

Sou eu, senhora, não vos assusteis.

A DUQUEZA, *sentando-se.*

Vindes armado!

ALCOFORADO

Nada receeis da minha espada, Senhora duqueza! foi um capricho de meu irmão e uma ordem de meu pai que me obrigaram a trazê-la. (*Põe a espada sobre a mesa.*) Permitti-me, senhora, que eu vos agradeça bem sincera, bem cordealmente o sacrificio que hoje por mim fizestes. Favor tão grande não vos posso eu pagar com palavras, nem o meu sangue, todo que fosse, bastára para o resgatar.

A DUQUEZA

Está bem, senhor.

ALCOFORADO

Deixai que vos diga tudo quanto me inspira o meu reconhecimento para que não fiquéis julgando que abrigastes a um ingrato. Depois que condescendestes com o meu pedido, e quando me partia da vossa presença, avengei todo o perigo que nesta entrevista podia haver para vós, que eu por mim nada receio; e eu vol-o confessarei, pasmei do meu desmarcado arrojo em vol-a pedir, e admirei-me da vossa muita bondade em m'a concederdes, quando me poderíeis ter feito expulsar da vossa presença como um louco, e de feito eu o era; porém certo que, se me negasseis esta graça, eu me haveria por mui desgraçado, por mui digno de lastima e de compaixão.

A DUQUEZA

Deixemos isso, senhor : partireis sempre amanhã?

ALCOFORADO

Partirei amanhã : irei espalhar as minhas magoas por terras longinquas; irei por clima estranho em busca de um nome que algum dia possais pronunciar como o de um amigo, que não como o de um servo.

A DUQUEZA

Senhor!

ALCOFORADO

De um servo, sim. Para vós, filha do primeiro duque de Hespanha, mulher do primeiro duque de Portugal, o que é um moço fidalgo que está ao serviço da vossa casa? Julgais acaso que eu não tenha pensado nestas cousas durante muitas horas, durante noites bem compridas? Pois em verdade vos digo, senhora, que eu tenho muitas vezes amaldiçoado a minha estrella que me fez nascer tão baixo, quando a sorte vos collocou tão sobranceira aos outros, que o meu nome, por mui famigerado que venha a ser, já-mais não poderá ser equiparado ao vosso. É desdita; mas de que vale queixar-me?

A DUQUEZA

Não vos comprehendo, senhor!

ALCOFORADO

E fôra maravilha que me comprehendesseis!... Fallar-vos-hei pois claramente. Bem sabeis que eu parto amanhã; o que, porém, vós não sabeis é que desde criança um pensamento fatal se enraizou profundamente na minha alma. Não viverei muito! A outra por certo não diria eu isto, que se riria da

minha credulidade; digo-vos, porém, a vós, porque vos fallo sem rebuço, e porque quero que leiais na minha alma como em um livro aberto, que podeis folhear á vontade. Partirei e não voltarei mais.

A DUQUEZA

Temos boas esperanças de que haveis de voltar, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO

Não voltarei! Assim pois, no ultimo dia que me é dado passar comvosco, permiti-me que vos revele um segredo; não vol-o confiaria a não ser esta circumstancia; eu o guardaria comigo até o ultimo da vida, eu o encobriria a todos os olhos, e a terra, que me ha de tragar o coração, inteiro e não sabido o tragaria tambem.

A DUQUEZA

Dizei.

ALCOFORADO

Quando o houverdes escutado, Senhora duqueza, podereis calcar-me aos pés, que vos não oppôrei resistencia; podereis enxovalhar-me o rosto sem que eu descerre um suspiro; podereis rasgar-me, espedaçar-me o coração... (*Cahindo de joelhos.*) Eu vos amo!

A DUQUEZA, *levantado-se.*

Senhor!

ALCOFORADO

Não fujais, senhora, não fujais. Eu sou uma creatura fraca e inoffensiva, que eu não sei senão soffrer silenciosamente e verter lagrimas não vistas. Nota

que se eu vos revelo este segredo é porque tenho certo que a minha presença nunca mais offenderá os vossos olhos, nem ha de attrahir o sangue á flôr de vosso rosto. Parto e morrerei; mas dizei, dizei ao menos que vos compadeceis da minha loucura, e que não amaldiçoareis ao misero que se deixou render por um amor insensato!

A DUQUEZA

Levantai-vos : e depois de me ouvirdes conheceis que é da vossa honra fugir de mim, e que me convém não vos tornar a ver. Eu vos amo, senhor!

ALCOFORADO

Potestades do céu !

A DUQUEZA

Não vos illudais : vinde, vêde o que está nesse leito.

ALCOFORADO

Vossos filhos !

A DUQUEZA

Sim, meus filhos, É á cabeceira de meus filhos que eu vos direi que vos amo; eu vos amo, porque sois bom, porque sois nobre, porque sois generoso; eu vos amo, porque tendes um braço forte, um coração estremo, uma alma innocente; eu vos amo, porque vos devo a vida, porque não tendes mãe, e eu vos quero servir de mãe porque soffreis, e eu quero ser vossa irmã. É um amor compassivo e desvelado, que poderá ser reprovado na terra, mas que eu não creio que o seja nos céos. Entendeis-me agora ?

ALCOFORADO

Oh ! Senhora duqueza, vós sois bella, pura como

os anjos, sois boa e grande como Deos; vossas palavras são como um balsamo de vida, e tornam o homem superior a si mesmo. (*Dobres.*)

A DUQUEZA

Meu Deos !

ALCOFORADO

Que tendes, senhora ?

A DUQUEZA

Aquelles sons... não ouvís ?

ALCOFORADO

Que importam ! Quando o homem é feliz, parece que toda a natureza se esmera em proclamar a sua ventura que vale a voz do trovão quando o contentamento nos mora dentro d'alma !

A DUQUEZA

Não os quizera escutar.

PAULA, *de fóra.*

Andam homens armados pelos corredores. Acautelai-vos !

ALCOFORADO, *correndo á janella.*

Cortáram a corda ! E fui eu quem vos lancei neste abysmo.

A DUQUEZA

Trata-se de vós, senhor; vejamos se vos podemos salvar.

ALCOFORADO

Estais salva. Dizei sómente que me perdoais para que eu morra consolado.

A DUQUEZA

Que ides vós fazer ?

ALCOFORADO

Oh! nada! Lançar-me-hei do vosso balcão abaixo, e talvez que ainda me sobrem forças para ir morrer fóra do vosso parque.

A DUQUEZA

Tendes alma sublime, Alcoforado; eu comtudo não posso acceitar o vosso sacrificio, que a vossa morte seria terrivel testemunho contra a minha innocencia.

ALCOFORADO

Quem se atreveria a responsabilisar-vos pela morte de um miseravel, que apparecesse sem vida por baixo das vossas janellas? Não é este o ultimo recurso?

A DUQUEZA

Não, esperai. (*Vai à janella e recúa aterrada.*) Meu Deos! o parque está todo illuminado!... Que eu não commettesse culpa nem crime, e que tenha de ver manchada a minha reputação!

voz, de fóra.

Abri! abri! Senhora duqueza.

ALCOFORADO

Maldicto! maldicto!

A DUQUEZA

Calai-vos! Quem bate?

voz, de fóra.

O Sr. duque vos quer fallar.

A DUQUEZA

Deixai-me vestir. Alcoforado, aqui, escondi-vos aqui por detraz desta alcatifa; não appareçais senão em ultimas circumstancias... promettei-m'ó. A vossa espada, o vosso barrete... tomai tudo.

ALCOFORADO, de joelhos.

Oh! senhora, ainda é tempo, deixai-me precipitar d'aquella janella, e sereis salva.

O DUQUE, de fóra.

Duqueza!

A DUQUEZA

Céos! meu marido!

ALCOFORADO

Perdão! perdão! *Cahe-lhe o barrete.*

O DUQUE, de fóra.

Arrombai essa porta!

A DUQUEZA

Esperai. Alcoforado, não leveis mão da vossa espada contra meu marido; eu vol-o supplico por mim, por meus filhos, por Deos, por tudo o que mais amais.

ALCOFORADO

Não usarei della.

O DUQUE, de fóra.

Arrombai! (*Pancadas na porta.*)

A DUQUEZA

Escondei-vos!... Senhor, sêde comigo! (*Abre a porta.*)

SCENA V

O DUQUE, A DUQUEZA

O DUQUE, *attentando na agitação da duqueza e olhando para todos os lados com desconfiança.*

Está aqui!

A DUQUEZA, *a parte.*

Já sabe tudo!

O DUQUE, *em voz baixa e rouca.*

Onde está elle?

A DUQUEZA

Elle quem, senhor? Vós me appareceis pelo meio da noite ameaçador e terrível: vindes tumultuosamente, acompanhado pelos vossos escravos para fazer arrombar a porta da minha camara: porque, senhor? Sou eu acaso alguma mulher sem consideração, alguma creatura vil e desprezível para que nem sequer vos lembrasseis que a vossa suspeita me desacreditaria no conceito dos vossos lacaios? Sr. duque...

O DUQUE

Onde está elle?

A DUQUEZA

Fizestes illuminar o vosso parque, mandastes armar os vossos homens d'armas, alvorotastes todo o palacio; para que, senhor? Eu sou mulher, e vós bem me podeis fazer morrer sem ser a força de escandalo e de vergonha, sem me acabrunhar com todo o peso do vosso poderio. Vindes cercado de uma turba vil e mercenaria, a quem basta um só acêno vosso para me cuspir no rosto, porque sou mulher e fraca, emquanto que vós sois homem e temido. É isto ser nobre?

O DUQUE

Onde está elle?

A DUQUEZA

Onde está elle! está aqui, senhor; está aqui no meu

leito. (*Correndo as cortinas.*) São vossos filhos: elles que vos atestem a minha innocencia.

O DUQUE, *apanhando o barrete.*

A fita! a fita!

A DUQUEZA

Meu Deos!

O DUQUE, *arrojando o barrete ao chão e calcando-o aos pés.*

Morrerá!

A DUQUEZA

D. Jayme, escutai-me pacientemente: eu vos explicarei este azar funesto que me faz parecer culpada.

O DUQUE

Ambos! ambos!

A DUQUEZA

Escutai-me, Sr. duque: vós ides commetter uma injustiça.

O DUQUE

Injustiça! Sois bem disfarçada e atrevida arrostando o olhar de um homem ultrajado sem cahir por terra, de joelhos, de mãos postas, clamando perdão para o vosso delicto e piedade para o que haveis de soffrer!... Injustiça! Um villão que acha no seu leito dois adulteros, duas viboras, póde esmagal-os impunemente, e eu não o poderei fazer? Porque o não poderei? Porque sou herdeiro jurado do throno, duque de Bragança e Guimarães, senhor de Ourem, Borba, Claves, Barcellos e Villa-Viçosa? Porque sou o primeiro duque da Europa, e o mais poderoso entre os nobres

depois da nobreza corôada? Por S. Thiago que vos desenganaremos!

A DUQUEZA

Por S. Thiago que vos enganais: podeis sem duvida matar-me, senhor; mas vós vos arrependereis, e o vosso arrependimento será tardio; conhecereis a minha innocencia, já tarde, e o remorso vos não deixará.

O DUQUE

Justificai-vos perante todos os da minha casa; não quero que se diga que eu mato uma innocente. Olá!

A DUQUEZA

Senhor, eu leio a minha condemnação nos vossos olhos; vejo que me não haveis de perdoar, nem fazendo o céo um milagre para me salvar e para vos mostrar a minha innocencia. A minha vida tem sido constantemente um estorvo para os vossos projectos, e eu conheço que occultais a vossa convicção para mais falcemente vos livrardes de mim, eu o sei é o vejo; porém se me quereis matar, Sr. duque, se esse o vosso proposito, como eu o creio, matai-me vós mesmo, barbaramente se o quizerdes; manchai embora o meu nome com uma nodoa infamante, mas não me humilheis na presença dos vossos servos. O meu nome é o vosso, Sr. duque: não os podeis separar.

O DUQUE

Assim é, senhora; liguei o meu nome ao vosso, e vós tomastes o trabalho de m'o infamar: trabalho bem facil para vós, impossivel para o mundo. Quando

pois o vosso nome se tornar synonymo da infamia, o meu se converterá em ludibrio da populaça, que folga, a vil, com o dezar dos grandes. Assim fôra, se me não viesse á mente fazer seccar a mofa e o escarneo nos labios do mais atrevido com o sentimento do terror. Bem dissestes vós... eu posso matar-vos a ambos, martyrisar-vos, espezinhar-vos... nada me seria mais facil. Mas esta vingança, que bastaria talvez para satisfazer a um villão, não me satisfaz a mim. Oh! tivesse eu a certeza que esta fragoa de odio, que me devora, não me consumirá inteiro dentro de algumas horas; podesse eu contar com a vida até ao raiar do sol... fôra outra a minha vingança!... Esta noite eu faria erguer em Villa-Viçosa dois patibulos, um em frente do outro, e daria amanhã um espectáculo de sangue aos meus bons e leaes burguezes. Convidaria a todos para um festim de rei, far-vos-hia arrastar pelas ruas como dois miseraveis criminosos; e, máo grado as justças d'el-rei, eu vos faria subir ao cadafalso, á luz do sol, á vista de todos e á face do mundo. Mas já que não posso contar com a vida, tomarei outra vingança, se menos esplendida, igualmente aterradora. Entrai.

A DUQUEZA

Senhor, é de joelhos que eu vol-o peço; não me obri-gueis a córar morrendo, nem a supportar a piedade hypocrita dos meus inferiores, que em torno de mim se estarão rindo interiormente com o meu supplicio e com a minha desdita!

O DUQUE

Entrai.

SCENA VI

O DUQUE, A DUQUEZA, FERNÃO, HOMENS ARMADOS, PAGENS *com luzes.*

A DUQUEZA, *coibrindo o rosto com as mãos.*

Ah! são elles!

O DUQUE

Traidores não merecem contemplação.

A DUQUEZA, *erguendo-se.*

Nem o sou, nem meus pais o foram nunca, senhor, podeis empunhar o cutello do algoz, podeis cobrir o rosto com a mascara da justiça, podeis fazer-me assassinar traiçoeiramente : só não podereis descobrir la-béo na minha vida, nem crime nas minhas acções.

O DUQUE, *aos da sua comitiva.*

Procurai por toda a parte um vil que deve estar neste palacio.

SCENA VII

OS MESMOS, ALCOFORADO, *sahindo detraz do leito.*

ALCOFORADO

Sr. duque!

O DUQUE

Emfim! (*A Fernão.*) Fernão, dize ao preto cozinheiro que traga o manchil da cozinha; dize a dois dos meus capellães que venham confessar dois penitentes. (*Fernão sahe.*)

ALCOFORADO

Esqueceis que ainda tenho a minha espada?

O DUQUE

Usai della : folgaremos com isso.

A DUQUEZA, *baixo.*

A vossa promessa... lembrai-vos!

ALCOFORADO, *ao duque.*

Eu prometti que não levaria mão da minha espada contra vós, e que o não promettesse! Vale por ventura a minha vida um combate? (*Depondo a espada.*) Ahi tendes a minha espada, Sr. duque.

O DUQUE, *dando com o pé na espada.*

Cobardia!

ALCOFORADO

Senhor!

O DUQUE

Calai-vos!... Digo-vos que sois cobarde porque sois traidor, e o traidor não póde deixar de ser cobarde.

ALCOFORADO

Ainda hoje mostrei que o não era!

O DUQUE

Silencio! que mostrastes vós? Que já na vossa idade tendes a astucia de uma serpente: e de feito tendes enganado a todos com falsas apparencias de nobreza e de candura; mendigastes a minha protecção, introduziste-vos em minha casa, alliciastes meus servos, seduzistes minha... nem eu sei como a chame!... Morrerão ambos!

ALCOFORADO

Assim é, Sr. duque; eu sou um cobarde, um falso, um infame, não pelo que dissestes, mas porque envolvi na minha ruína uma creatura innocente como os anjos; porque, depois de a ter obrigado a descer ao fundo da minha ignominia, não a pude defender das vossas affrontas, nem dos doestos que lhe assacastes, cousas que não eram para dizer: por isso mereço a morte. Estou em vosso poder, Sr. duque; fazei de mim o que vos aprouver, mas até o meu derradeiro instante ouvireis a minha voz bradar cada vez mais alto: — A duqueza é innocente!

O DUQUE

Mentira! o cobarde deve mentir.

ALCOFORADO

Ainda quando a mentira houvesse escolhido os meus labios para sua morada, não vos mentiria eu no meu derradeiro instante para que a maldição divina não pesasse eternamente sobre minha alma. Não é por mim que vos supplico a vida, Sr. duque; fôra indigno de viver quem tão baixamente a supplicasse. Estou no vosso poder, nem disso me queixo: depuz a minha espada a vossos pés antes que me viesse a tentação de a arrancar contra vós; curvei a cabeça na vossa presença, e de joelhos e á hora da morte eu vos digo que ella é innocente, que por isso me tenho envilecido, e que por isso me envileço ainda.

A DUQUEZA, a parte.

Nobre mancebo!

O DUQUE, encarando-a fixamente.

Tredos! fizesse eu correr o mar entre ambos, que de um lado a outro vôaria o pensamento do adultério!... Mar de sangue correrá entre ambos.

ALCOFORADO

Saciai a vossa vingança no meu sangue, que será bastante para apagal-a; puni o criminoso, mas não vos deixeis cegar pela vossa colera, não mistureis o sangue do innocente com o sangue do peccador. Não sabeis quantas victimas cahirão comigo na sepultura?... Minha irmã enlouquecerá!... meu pai... oh! eu vos juro que será um desengano terrivel para o bom do velho o feretro que amanhã lhe fôr enluctar a habitação, quando elle tropeçar em um cadaver, em vez de abraçar seu filho, seu filho bem amado que elle ainda espera abençoar, e mandal-o ás terras d'Africa pugnar pela religião de seus pais, banhando a espada no sangue de infieis!... Quando lhe chegar aos ouvidos noticia de morte tão desastrada, o desgosto lhe quebrará violentamente a vida. O pobre velho morrerá!... Se quereis mais victimas, victimas, senhor, se innocentes vos são precisas para o vosso sacrificio, sereis amplamente satisfeito. O velho e a donzella, ambos morrerão; e todavia não é por mim, não, é por elles que imploro a vossa compaixão! Sêde justo, senhor: salva-a.

O DUQUE

Entra, escravo. (*Entra o preto com um manchil.*)
Envilecer-se-hia o braço do homem livre que vos cortasse a caheça, e a espada que no vosso sangue se tingisse se tornaria infame; não morreréis por mão

de um homem livre, nem aos golpes de uma espada.
Vêde... vêde também, senhora!

A DUQUEZA

Oh! senhor!

O DUQUE, á Duqueza.

Vêde: será o seu carrasco um escravo, um preto...
Arroja-a de si, e ella cahe de joelhos.)

A DUQUEZA

Meu Deos! compadecei-vos de mim!

O DUQUE, a Alcoforado.

E o instrumento da vossa morte será um manchi
grosseiro tão vil como vós sois.

QUADRO V

A scena representa um aposento no palacio do Duque, do lado direito um altar paramentado de tella branca, e sobre elle um crucifixo, do outro lado mesa e cadeira; portas no fundo.

SCENA I

A DUQUEZA, só, nos degrãos do altar.

Não posso orar!... o meu coração não póde despegar-se da vida, minha alma não póde elevar-se até Deos, e a religião me não póde consolar!... Quizera ter alguém que me fallasse, porque me parece que isto é um sonho! um sonho horrivel que me está sufocando!... *(Pausa.)* Tenho frio!... Mas porque aterrar-me assim? Se eu tenho sempre de morrer, que importa que me venha a morte agora ou logo, hoje ou passados annos?... A vida cança, e Deos tem um sorriso mais carinhoso para aquelle que mais soffre sobre a terra, a eu tenho soffrido muito!... Em vão, em vão! apesar do soffrimento, eu quizera ser como as outras, viver a minha vida até o fim, e morrer com a morte que Deos manda! *(Pausa.)* O duque é bem cruel! e todavia eu sou como elle, sou talvez mais do que elle, e morrerei!... morrerei porque sou fraca,

morrerei porque sou mulher!... Deos foi misericordioso para comigo em me não ter dado uma filha ; que se eu a tivesse, por muito que a amasse, e ainda que ella fosse a unica... meu Deos ! commetteria hoje um crime... matava-a... seria talvez condemnada por toda a eternidade, porém ella seria livre no céu ! Mas porque será irrevogavel a minha condemnação ? Eu sou esposa sua, a mãe de seu filhos... por ventura quiz elle punir a minha imprudencia só com o terror, e a estas horas já elle terá pensado que o meu martyrio deve acabar. O duque é generoso ; se elle tem sempre esmola para os mendigos, porque não terá tambem piedade para os que soffrem ? Eu soffro tanto !

SCENA II

A DUQUEZA, PAULA

PAULA

Senhora duqueza !

A DUQUEZA

Quem me chama?... Paula !

PAULA

Deixai-me chorar a vossos pés !

A DUQUEZA

Já me havia esquecido de ti, boa Paula ; bem hajas tu que em tanta tristeza te vieste fazer lembrada, e que te não esqueceste da misera condemnada que algumas horas apenas tem de vida. (*Encostando-se ao*

hombro della.) Quando eu era feliz, e já me parece que foi ha muito tempo, tinhas sempre um sorriso para desfazeres as minhas preocupações ; e hoje ! achaste no teu coração algumas lagrimas que vens derramar sobre o meu infortunio. Bem hajas tu.

PAULA, *chorando.*

Vós, que sois innocente, senhora, porque haveis de morrer ?

A DUQUEZA

Dize, dize que não é para me consolar que assim me fallas ; jura-me que acreditas na minha innocencia : preciso que alguém creia nella para não morrer de desespero.

PAULA

Não tenho eu vivido sempre na vossa companhia ? Não leio no vosso rosto como na minha alma ? Não sei eu que, se podesseis commetter um crime, nenhuma haveria que não fosse criminosa ?

A DUQUEZA, *tristemente.*

Os meus tambem hão de acreditar na minha innocencia, mas já tarde ; talvez romperão lanças em favor della, mas eu já serei morta ! Oh ! se as lagrimas do arrependimento e do remorso podessem dar vida a um cadaver, não me pezára morrer, porque eu teria certa a minha resurreição ! Oh ! boa Paula, é bem mal permittido que o homem, que não pôde dar vida, tenha o poder de matar ; é bem injusto que uma miseravel creatura possa apagar a luz preciosa da existencia que só Deos pôde accender !... É bem injusto, meu Deos !

PAULA

É destino, Senhora duqueza; que lhe havemos nós de fazer!

A DUQUEZA

Tens razão; temos todos o nosso calvario, carregamos todos com a nossa cruz; e porque não haveria eu de soffrer tambem?... Mas, ó Senhor! bem aviltador é o meu calvario, e a minha cruz é muito pesada para mim!... Morrerei, Paula... O ultimo favor que te pedir, cumpril-o-has tu?

PAULA

Dizei, Senhora.

A DUQUEZA

Quando me apparelharem para o meu infame supplicio, hão de cortar-me os cabellos; creio que assim se faz. Tu os ajuntarás, Paula: vai depois ao meu guarda-roupa, e lá encontrarás os meus vestidos que eu trouxe de Hespanha; era então uma criança!... Tira um delles e manda-o á minha irmã com uma trança dos meus cabellos: farás isto?

PAULA

Eu o farei.

A DUQUEZA

Bem quizera eu deixar-te uma lembrança, boa Paula: mas que posso eu agora? Entrei para esta casa coberta de velludos, e hei de sahir vestida com a mortalha: entrei nova e cheia de innocencia, e hei de sahir ainda nova, mas infamada!... A vossa pobre duqueza,

mais pobre do que vós outras, nada tem para recom-pensar os bons serviços dos seus fiéis servidores. Escuta: quando eu for morta, tomarás para ti o meu livro de orações, e escreverás na primeira pagina o meu nome com o meu sangue; não creias que elle seja vil porque o hão de derramar vilmente!... Não lhe ponhas titulo nenhum, só o meu nome de baptismo; e quando rezares lembra-te da infeliz Leonor, e dá-lhe uma das tuas orações.

PAULA

Seja-me Deos boa testemunha em como, se morreres, eu me irei sepultar em algum convento para ali passar a minha vida em orações e penitencias, não por vós, mas por elle que vos assassina. *(Como que se lembra, levantando-se.)* Ah!

A DUQUEZA

Assim me deixas?

PAULA

Esperai, esperai! *(Sahe.)*

SCENA III

A DUQUEZA, só.

Nunca me julguei com forças para soffrer tanto, nem que eu tivesse tantas lagrimas para chorar. No entanto soffro como se nunca houvera soffrido; choro como se nunca houvera chorado *(Pausa.)* Sinto passos!... Quem sabe se não será o carrasco?... o car-

rasco!... (Sôbe com terror pelos degrãos até encontrar-se às paredes do altar.)

SCENA IV

A DUQUEZA, PAULA, os dois MENINOS

A DUQUEZA, correndo para elles.

Meus filhos! meus pobres filhos!... (Beijando-os e abraçando-os.) Vossa mãe ia morrer sem vos abençoar na hora da morte, sem beijar-vos, sem acariciar-vos, mais esta vez, sem vos banhar o rosto com as suas lagrimas!... Meus pobres filhos! que fareis vós no mundo sem o amor de vossa mãe?... Talvez que uma estrangeira venha deitar-se no meu leito para delle vos expulsar!... Que sereis vós sem mim!... Inocentes! pobres innocentes!... Elles vos dirão que eu fui uma grande criminosa e que me havia tornado indigna de viver: não os acrediteis, meus filhos!... Quando vos disserem mal da vossa pobre mãe, lembrai-vos de hoje e das minhas lagrimas, e adivinhareis então que eu fui bem infeliz, ouvistes?... Oh! elles não comprehendem as minhas palavras, e até do meu nome se hão de esquecer!... Paula! Paula! porque me trouxeste meus filhos?... Eu me resignaria a morrer, e agora é impossivel!... Attende-me: vai ter com o Sr. duque, dize-lhe que lhe quero fallar uma hora, um instante antes de morrer. Deixa-me meus filhos... não, leva-os; dir-lhe-has que é em nome delles que eu lhe peço um instante para lhe fallar; e elle não me poderá negar mercê tão pequena. (Paula sahe com os meninos.)

SCENA V

A DUQUEZA, LOPO GARCIA

A DUQUEZA, só no meio da scena.

Elle me perdoará!

LOPO GARCIA

Senhora!

A DUQUEZA

Lopo Garcia! Ah! que me acordais bem cruelmente, meu padre!

LOPO GARCIA

Resignai-vos, minha filha.

A DUQUEZA

Resignar-me a que? Não carecerei de vosso mister, meu padre; já mandei chamar a D. Jayme, que me não poderá recusar uma entrevista.

LOPO GARCIA

Resignai-vos!

A DUQUEZA

Mas não estais vendo que é impossivel que eu morra assim?... Não sabeis vós que meu pai é o duque de Medina Sidonia?..... O Sr. duque não pensou nisso: elle me perdoará.

LOPO GARCIA

Não o fará!

A DUQUEZA

Como! vós que sois um bom e santo [padre pondez um freio injurioso á bondade d'aquelle que folga em

sua justiça de amolgar o coração mais endurecido, e de reparar o mal por mão d'aquelle mesmo que o praticou?

LOPO GARCIA

Não o esperéis! A esperança engana sempre que não esperamos a morte. Preparai-vos no santo tribunal da penitencia para subirdes á presença do Senhor; confessai as vossas culpas e contristai-vos!

A DUQUEZA, *chorando*.

Ah! meu padre, sois bem cruel em me despojar assim das minhas ultimas esperanças. Deos vos perdôe a dôr que me causais.

LOPO GARCIA

Que merece a vida, minha filha? É um sonho mais ou menos longo, alegre ou triste, que o acordar da morte só vale dissipar. Consolai-vos! Deos é misericordioso, e vos perdoará em favor do vosso arrependimento.

A DUQUEZA

A vida! a vida, meu padre!

LOPO GARCIA

Não vos rebelleis contra o Senhor, nem o irriteis com a vossa desobediencia! Curvai a cabeça perante a sua justiça, e confessai-vos para que a morte vos não colha impenitente.

A DUQUEZA

Que vos hei de eu confessar?

LOPO GARCIA

A vossa vida. Qual é o justo que vive sem peccado

durante o periodo da sua existencia? Recordai-vos de quanto haveis feito, dito ou pensado, e attendai que, se é o sacerdote quem escuta as vossas palavras, é Deos quem recebe a vossa confissão.

A DUQUEZA

A minha vida... é um tecido de dôres, bem pequenas que talvez não comprehendais, o que todavia me têm martyrisado.

LOPO GARCIA

Contai-a.

A DUQUEZA, *depois de alguns instantes de silencio*.

Criança me trouxeram de casa de meus pais, prendêram-me n'uma camara forrada de velludo, envolveram-me em alcatifas de seda, em reposteiros de damasco, e eu disse adeos ao meu prado florido, ao meu jardim encantado, ás flôres que eu amava, a tudo, meu padre, a tudo!... Disseram-me então que eu pertencia a um homem, e que o devia amar porque elle era meu esposo. Affiz-me á idéa de que lhe pertencia, fiz esforços incriveis para o amar, a elle que eu só via de quando em quando rodeado de larga turba de cortezãos, polido e respeitoso para comigo, porém nunca estremoso. Nunca elle teve franqueza para comigo, nunca eu a pude ter para com elle; nunca o pude amar. E se elle o quizera! bem pouco lhe seria preciso, porém jámais se deu elle a esse trabalho. Nunca, meu padre, nunca estive com elle sem receber um accesso de sua colera, sem tremer na sua presença como uma escrava. Dizei meu padre: sou eu culpada em o não ter podido amar?

LOPO GARCIA

Continuai.

A DUQUEZA

Quizestes escutar a minha vida... já vol-a contei. Não tive flôres na minha infancia, nem descanso na minha juventude. Outras culpas terei eu de que me não recordo., Deos m'as perdoará.

LOPO GARCIA

Não mintais á hora da morte!... E o mancebo que foi a pouco encontrado no vosso aposento?

A DUQUEZA

Ah! sim! meu padre, a acção pertence a creatura, mas as circumstancias vêm... talvez do céo. Serei criminosa para Deos, porém sou innocente perante os homens. Ouvi. Na minha soledade houve um mancebo que se compadeceu de mim, talvez porque adivinhou os soffrimentos que eu curtia silenciosa; desenvolveu-se no meu srviço, cercou-me desolicitudes, velava incessantemente sobre mim. E eu conheci que elle era respeitoso e cheio de extremos, e que o seu amor era nobre, innocente e puro, como sua alma. Dizei-me fiz mal em o não expulsar da minha presença?

LOPO GARCIA

Continuai!

A DUQUEZA

Por algum tempo me deixei embalar por esse novo affecto, que então principiava a sentir: veio-me depois a idéa que eu o não devia entorpecer na sua car-

reira, e pedi ao Sr. duque que o dispensasse do seu serviço e que o mandasse para Africa ganhar nome no serviço d'el-rei e salvação em guerras de infiéis. Dizei: fiz mal intercedendo por elle?

LOPO GARCIA

Continuai.

A DUQUEZA

Hontem o Sr. duque quiz que o acompanhasse a uma caçada: acompanhei-o. No meio della um javali ia espedaçar-me; esse mancebo salvou-me a vida. Dizei: fiz mal dizendo-lhe que lhe devia a vida?

LOPO GARCIA

Proseguí.

A DUQUEZA

Elle ia partir para Africa, mais por força das minhas instancias do que por vontade sua. Cheio de funestos presentimentos, que ainda mal se realizaram, elle se lançou a meus pés pedindo-me que o escutasse. O Sr. duque nos podia surprehender, algum pagem nos podia escutar, e elle estaria perdido; fui prudente. Pedi-me uma entrevista para esta noite, que elle devia partir ao amanhecer. Eu conhecia a sua nobreza e honradez; concedi-lh'a. Dizei: fiz mal em ser prudente para não ser uma ingrata?

LOPO GARCIA

Acabai.

A DUQUEZA

A noite eu o recebi na minha camara; meus filhos descanzavam no meu leito. Elle disse que me amava;

eu disse que o amava tambem como a um irmão, como a um filho. Fui nisto criminosa?

LOPO GARCIA

Nada mais?

A DUQUEZA

Nada mais! Foi ser boa, affavel, generosa, agradecida e prudente, tudo isto que na terra se diz virtudes, e que por ventura tambem se chama virtudes no céu: foi tudo isto que me perdeu!

LOPO GARCIA

Deos vos receberá na sua gloria, minha filha.

A DUQUEZA

Mas não comprehendéis vós que, se eu morrer, o mundo me julgará criminosa? Não vêdes que eu não quero morrer porque amo a vida, que o não posso porque sou innocente?

SCENA VI

LOPO GARCIA, O DUQUE, A DUQUEZA.

O DUQUE

Acabai com a vossa confissão!

A DUQUEZA, *levantando-se.*

Dai-me forças, meu Deos!

LOPO GARCIA

Escutai-me um instante, Sr. duque!

O DUQUE

Não vos podemos attender; meu padre!

LOPO GARCIA

Bem sei que o segredo da confissão é inviolavel e sagrado; porém Deos me perdoará se obro mal com isto, porque o faço para vos poupar um crime. Sr. duque, a vossa esposa é innocente!

O DUQUE

Não commettais um sacrilegio, meu padre: perfi-
zestes o vosso mister; podeis retirar-vos.

LOPO GARCIA

Eu vol-o repito, senhor, ella é innocente!... A duqueza terá cahido em faltas que hão de achar graça na presença de Deos, e Deos é justo. Vós que sois homem, Sr. duque; não sejais mais rigoroso do que elle... perdoai-lhe.

O DUQUE

Meu padre, não aprouve ao Senhor dar-nos o condão da paciencia... retirai-vos. (*Lopo Garcia sahe.*)

SCENA VII

O DUQUE, A DUQUEZA

O DUQUE

Findou-se o prazo, Senhora.

A DUQUEZA

Senhor mais um instante.

O DUQUE

Mais dez minutos.

A DUQUEZA

É pouco, senhor : tenho tanto para vos dizer !

O DUQUE

Tendes um quarto de hora.

A DUQUEZA, *depois de um instante de silencio.*

Assim pois, Sr. duque, não quizestes dar credito ás palavras de um moribundo que sobre a condemnação eterna de sua alma vos assellava a [minha innocencia com um pé sobre o sepulchro !

O DUQUE

Mentiu : eu vi a fita !

A DUQUEZA

A fita ! Mas se ella fosse um presente vergonhoso, não a recataria elle cuidadosamente em vez de a trazer tantos ás claras ? Não vos parece que seria isso uma loucura, Sr. duque ?

O DUQUE

Que sei eu ? A alma do villão embriagou-se com a posse de uma duqueza ; quiz fazer alarde dos seus amores, quiz escarnecer de mim... enganou-se !

A DUQUEZA

Se não quereis acreditar nas palavras do moribundo, dai credito ao menos ao santo sacerdote. Não vos disse elle que eu era innocente ?

O DUQUE

Mentiste vós : elle lá estava comvosco.

A DUQUEZA

Meus filhos tambem lá estavam, senhor.

O DUQUE

Escandalo maior, senhora, escandalo maior ! Quando mentistes ao sacerdote na vossa ultima confissão, condemnastes a vós mesma ; se tão sómente profanasseis o vosso leito, o crime ficaria ainda comvosco ! Fôra isso apenas impiedade n'uma christã, infamia n'uma esposa !... ha muito disso. Mas que a esposa se lembrasse dos filhos para encobrir o seu adulterio, que o crime se lembrasse da innocencia para vestir a sua nudez, que a mãe se lembrasse dos filhos para os industriar no crime !... eis o que é horroroso, senhora, eis o que é estupendo e inaudito, eis o crime por que haveis de morrer !...

A DUQUEZA

Imprudently me prodigalisais improprios e convicios, Sr. duque. Fui criada em vossa casa, foi vossa mãe quem me educou. Attentai que parte de quanto me dizeis recahe sobre quem se encarregou da minha educação.

O DUQUE

Porque ? Conheço almas facéis que se persuadem que ser virtuosa é ser fingida, e que para ser impune basto ser habilmente criminosa. Outras ha que nascem propensas para o crime e como instincto do vicio no coração. Ha creaturas assim !

A DUQUEZA

Sr. duque, vós sois poderoso e escusais de subterfugios contra mim. Ninguem vos pedirá contas da

minha morte, senhor, e escusais de torcer os vossos juizos para me calumniar. Podeis dizer, e dizei-o francamente, que ninguem nos escuta: « Morrerás porque assim o quero! » É uma razão que todos comprehendem, a razão do mais forte, se não é a do mais nobre. Contra a vossa vontade me offereceste mão de esposo, e tendes sempre vivido constrangido considerando-me como um estorvo para a vossa vocação, porque premeditaveis ser frade ou cousa semelhante. Bem opportunamente vos sorri este ensejo para de mim vos desfazerdes. Aproveitai-vos d'elle, e agradecei ao azar sem ostentardes de justiceiro. Não me falleis em justiça humana, senhor, porque eu me poderei lembrar que vosso pai tambem foi humanamente justificado!

O DUQUE

Deos vos encontre tão pura como elle, Sra. duqueza.

A DUQUEZA, *dé joelhos.*

Perdão, senhor, perdão. Não era isso o que eu vos quizera dizer : mas sei eu por ventura o que digo?... Estou quasi louca, não penso, não méço as minhas palavras. Perdoai-me!... Eu amo a vida, Sr. duque; porque vos hei de eu mentir?... Sou uma mulher fraca e sem forças; choro porque amo e porque me dóe perdê-la. Sou eu acaso algum homem para ter coragem?... Amo a vida, amo tudo o que me cerca, amo tudo o que me era indifferente... sou nova e não me posso resignar... sou innocente e não devo morrer. Perdoai-me! Que vos importam algumas palavras, descuidadas que me escaparam? Não pensei nellas, nem foi minha intenção offender-vos. Vós me aborreceis e com razão... O que era eu para merecer o no-

me de vossa esposa?... Que sou eu para vos merecer o vosso amor?... A mim tambem casáram-me sem que eu soubesse o que era matrimonio. E que culpa tenho eu em não ter resistido á obediencia a que desde criança me affizeram?... Como o poderia eu imaginar!... Ainda então não sabia que o homem, que é forte, póde ser obrigado a casar-se contra o seu querer, a casar-se com uma mulher que elle não ama!

O DUQUE

Quem me poderia obrigar, Senhora?

A DUQUEZA

Tendes razão : eu é que sou uma louca em vos dizer destas cousas; mas tenho eu consciencia do que vos estou dizendo?... Digo-vos tudo quanto me vem a cabeça para que vejais quanto soffro e para que me perdoeis, Sr. duque...

O DUQUE

Levantai-vos, Senhora duqueza : o meu proposito é irrevogavel.

A DUQUEZA

Mudal-o-heis, senhor; mudal-o-heis quando aventardes que mofina que eu sou, e que embaraços a minha morte vos póde acarretar. O conde de Urenha, meu cunhado, e o marquez de Cazaça, meu irmão, virão reptar-vos para o duello, appellando da vossa sentença para o juizo de Deos.

O DUQUE

Atrever-se-hão elles!...

A DUQUEZA

Meu Deos! como lhe hei de eu fallar!... Eu vos di-

go estas cousas sem consciencia, sem intenção de vos offender. Eu é que sou a medrosa, vós sois forte e valente e de nada vos arreceiais. Com effeito, de que vos podeis temer? Que vos importam meus irmãos, ou que vos podem elles fazer? Bem podeis vós calcar-me, bem podeis matar-me e fazer de mim quanto mais vos aprouver; mas que gloria vos virá d'ahi, Sr. duque?

O DUQUE

Confrontai estas vossas palavras com as que ainda ha pouco em a vossa camara me dissestes!... Com o gesto irritado, com o olhar sobranceiro pedistes-me contas do meu proceder taxando-me de pouca lisura e commedimento! Agora, porém, confessais a minha prepotencia, e tendes sem duvida para vós que, se como homem me injuriastes, eu como senhor me vingou!.. Apesar de vos abaixardes tanto, Senhora!...

A DUQUEZA, *levantado-se.*

Sr. duque!

O DUQUE

Apesar de quanto tendes feito para alcançar a vida, apesar de tudo quanto me haveis dito ou me possais dizer, não será menos certa a vossa morte. Acreditai que me não deixarei amolgar pelas vossas preces e que nem as vossas lagrimas torcerão a minha justiça. Morrereis!

SCENA VIII

Os MESMOS, UM PAGEM

O SERVO

Sr. duque!

A DUQUEZA

E elle!

O DUQUE

Viestes opportunamente. Findou-se o prazo.

A DUQUEZA

Meu Deos!

O SERVO

Perdoai o meu arrojio, Sr. duque, e não me tenhais má vontade, porque uma só vez vos desobedecerei.

O DUQUE

Fallai.

O SERVO

Não vos posso servir nesta occasião, senhor!

O DUQUE

Porque?

O SERVO

Aquelle santo padre que ha pouco sahiu desta camara, disse-nos que a senhora duqueza era innocente, e que excommungado seria que em mal delta vos obedecesse!

A DUQUEZA

É possível!

O DUQUE

Por nosso respeito não desobedecereis ao santo padre, nem ireis contra os dictames da vossa consciencia! Entre os nossos vassallos mais do que um haverá que neste ensejo nos acuda em vossa falta. Chamaios. (*O servo abre a porta e faz signal para dentro.*)

SCENA ULTIMA

O DUQUE, A DUQUEZA, *servos, homens d'armas.*

O DUQUE

Este homem que aqui vêdes nos obriga, em circumstancia bem melindrosa, a experimentar a vossa lealdade. Precisamos de um executor de alta justiça, e dar-lhe-hemos com a nossa protecção cem peças de ouro.

A DUQUEZA

Inspirai-os, meu Deos! inspirai-os!

O DUQUE

Nenhum se move!... Pensais talvez que mais vale a cabeça de uma duqueza... nós lhe daremos mil peças de ouro e o primeiro logar entre os meus servidores.

A DUQUEZA

Hão de tentar-se!... Nenhum! nenhum!

O DUQUE, *concentrado.*

O padre!.. Porque o deixei sahir quando precisava de um algoz?... (*Baixo ao primeiro servo.*) O estrado e o cepo?

O SERVO

Estão promptos.

O DUQUE

E o cutêlo?

O SERVO

Está afiado.

O DUQUE, *como que fallando comsigo.*

Uma duqueza não deve morrer como uma mulher vulgar.

A DUQUEZA

Estou salva.

O DUQUE, *em voz alta.*

A filha de D. João de Gusmão, duque de Medina Sidonia, conde de Niebla, marquez de Cazaça e senhor de Gibraltar merece contemplação pela sua hierarchia. (*Á duqueza.*) Não vos parece?

A DUQUEZA, *timida.*

Foi talvez inspiração do céu a que tornou esses homens surdos á voz do interesse.

O DUQUE

E do céu é que vem esta inspiração, Senhora duqueza. Alegrai-vos... tereis um duque por carrasco!

A DUQUEZA

Vós! senhor!

O DUQUE, *travando-lhe o braço.*

Vinde!

A DUQUEZA

Oh! ainda um instante!

O DUQUE

Nada mais!

A DUQUEZA

Eu tenho ainda tanto para vos dizer... Escutai-me até o fim, e certamente me haveis de perdoar.

O DUQUE

Não vos perdoarei.

A DUQUEZA

O que é um instante para vós que ficais desfructando a vida?... Por Deos! dai-me um só instante!

O DUQUE

Não vos escuto!

A DUQUEZA

Um instante, senhor!

O DUQUE, *sahindo com ella pela porta do fundo.*
Morrereis!... morreréis...

ADVERTENCIA DO AUTOR

Aqui extractarei de uma das chronicas portuguezas o treche que a este acontecimento diz respeito, para os que o quizerem saber nú e simples tal qual o refere a historia : ver-se-ha que a segui fielmente. Quanto a mim, creio que adoptei o melhor dos factos, quer considerados como verdade historica, quer como circumstancias dramaticas ; apenas a suppri emquanto me foi preciso para encadear as partes do drama entre si, e inverti-a nas minuciosidades alheias ao meu trabalho, e por isso mesmo de pouca importancia para o meu fim ; assim é que digo ter sido Fernão Velho quem salvou os filhos do duque D. Fernando, quando o encarregado desta missão foi Fernão Rodrigues Pereira, e ter D. Manoel feito a D. Jayme doação dos dizimos do pescado em Lisboa em 1512, quando tal mercê foi feita no começo deste reinado.

Ajuntarei mais um fragmento do summario a que o proprio duque mandou proceder por esta occasião, e que o Sr. Moraes Sarmiento (autor do Romanceiro Portuguez) diz ter encontrado na torre do Tombo. Póde servir como indicação de scena e vestuario, se algum dia ou em algum logar fôr este drama representado.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA. VIDA DO DUQUE D. JAYME. TOM. 5º, CAP. 8º, PAG. 576.

... « Foy o motivo deste injusto ciume Antonio Alcaforado, moço fidalgo de poucos annos, que ainda não cingia espada, filho de Affonso Pires Alcaforado, que na casa do duque tinha o mesmo foro de moço fidalgo, e servia no paço do Duque, e a quem a Duqueza tinha mostrado estimar em algumas occasiões, com que augmentando-se os falsos indicios, chegáram ao ponto da mayor fatalidade. Não quiz o Duque ser o executor da sua morte, e assim mandou chamar a Lopo Garcia, seu capellão, para a confessar; depois por um negro com um manchil da cozinha lhe foy cortada a cabeça. A Duqueza, que ignorava o que se passava, ouvindo um grande ruído, assustada do estrondo, foy em busca de seus filhos, e sobre a cama em que elles estavam achou o Duque, e vendo-a voltou e mandou entrar o capellão para a confessar, e tendo-o feito, entrou o Duque, a quem a Duqueza animosamente perguntou porque a queria matar? E dizendo-lhe o Duque, porque lhe fôra traidora, ella lhe respondeu: nem eu sou traidora, nem meus avós o forão nunca; e com outras muitas razões lhe disputou a accusação com tanta constancia, que o Duque se deu quasi por convencido, e das persuações do capellão que clamava pela sua innocencia... e sendo o executor da morte, com cinco feridas lhe tirou a vida. »

Segue-se o summario.

« Anno, etc. Aos dois dias do mez de Novembro de 1512, duas horas ante manhã pouco mais ou menos, em Villa-Viçosa, nas casas do Reguengo, onde ora pousa o Sr. duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria, e João

Alvares Mouro, juiz ordinario na dita villa. Pelo dito Sr duque, etc., foi dito ao dito ouvidor e juiz, perante mim tabellião, que elle tinha morto a Senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assim Antonio Alcoforado, filho de Affonso Pires Alcoforado, moço fidalgo de sua casa, por os achar que dormiam ambos e lhe commetterem adulterio; pelo que o dito ouvidor e juiz se forão a uma camara onde a dita senhora sohia a dormir, e ahi jazia morta a dita Senhora duqueza, e assim o dito Antonio Alcoforado junto na dita camara, um junto do outro, o qual foi vista a dita Senhora por o dito ouvidor e juiz, e Gonçalo Lourenço, tabellião, que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degollada, que cortára o pescoço a cerca todo, e outra grande ferida por detraz, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe appareciam os miolos, e junto com a dita ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E dito Alcoforado tinha o pescoço cortado; e em a cama da dita Senhora estava um barrete, dobrado de volta, preto, que diziam esses que ahi estavam que era do dito Alcoforado, e o ouvidor e juiz mandáram fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dito caso, e mandáram ao dito Gonçalo Lourenço e a mim tabellião que assignassemos este auto; a qual dita Senhora duqueza estava vestida e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto com uns perfles de tafeté amarello, e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso alconado; assim o dito Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado com meias mangas e collar e pontas de velludo rôxo, e umas calças vermelhas, e uns borzequins pretos, e sapatos, e um saio preto, e uma cinta de couro preto com uma guarnição de prata. »